

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATUAIS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE HISTÓRIA LICENCIATURA

HONILTON NUNES FILHO

**CARNAVAL DE CHARANGAS: Um Estudo dos Blocos Organizados de São
Luís - MA**

SÃO LUÍS - MA

2019

HONILTON NUNES FILHO

**CARNAVAL DE CHARANGAS: Um Estudo dos Blocos Organizados de São
Luís - MA**

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof^º Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva

SÃO LUÍS – MA

2019

Nunes Filho, Honilton.

Carnaval de Charangas: Um Estudo dos Blocos Organizados de São Luís - MA. / Honilton Nunes Filho. – São Luís, 2019.

78 f.

Monografia (Graduação) – Curso de História, Universidade Estadual do Maranhão, 2019.

Orientador(a): Prof. Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva

1. Carnaval. 2. Charanga. 3. Blocos Organizados. I. Título

CDU: 394.25 (812.1)

HONILTON NUNES FILHO

**CARNAVAL DE CHARANGAS: Um estudo dos Blocos Organizados de São Luís
- MA**

Monografia apresentada ao Curso de História
Licenciatura da Universidade Estadual do
Maranhão como parte dos requisitos para a
obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Prof^o Dr. Fábio Henrique Monteiro Silva

Aprovada em: ____/____/____

BANCADA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Fabio Henrique Monteiro Silva
(Orientador)

1º Examinador

2º Examinador

AGRADECIMENTOS

“Mas graças a Deus, que nos dá a vitória por nosso Senhor Jesus Cristo”

2 Coríntios 9:15

Primeiramente quero agradecer ao Senhor Deus, protagonista do universo e tudo o que nele há. Obrigado por absolutamente tudo, pela vida e por ter chegado a essa etapa, pela força concedida para a realização deste trabalho.

A minha mãe Teresa de Jesus Castro da Silva por ter me dado a luz e ao meu sobrinho Marcelo Dhavi pelos inúmeros momentos de descontração que passo junto a ele.

As minhas avós (in memoriam) Bertulina e Marcelina pelo carinho e generosidade que em mim concediam.

Aos meus padrinhos Maria de Jesus e Nonato Cavalcante, que são meus grandes incentivadores na vida profissional.

Ao extinto Colégio Aprovação, escola onde cursei todo o meu ensino fundamental e médio, de onde tenho a gênese dos meus conhecimentos, seus professores e amigos pelos bons e longos anos que vivenciamos juntos. Jamais esquecerei esses momentos, de onde tenho a melhor fase da minha vida, minha eterna gratidão.

Ao meu orientador, o professor Fábio Henrique Monteiro Silva, por ser da mesma comunidade que eu, e pela paciência da orientação.

A Universidade Estadual do Maranhão por ter me concedido a graduação. E aos seus professores(as), em especial Marcelo Cheche, Henrique Borrvalho, Ximendes, Júlia Constança, Roberta Lobão, Tatiana Reis e Pyetra.

As minhas amigas de graduação Camila Queiroz, Geysa Muniz e Verônica Virgília, aos bons tempos que compartilhamos juntos, nossos momentos de dificuldades, nossas lutas, dúvidas e incertezas.

Para Valter Serra que mesmo pelo pouco tempo que estive no curso pude perceber todo seu caráter.

Mais do que especial Rafael Silva, pelas tantas ajudas e dicas ao longo do curso. Vou ficar lhe devendo essas ajudas por todo esse tempo.

Aos policiais André Cunha e Alberto Filho, dois grandes amigos que encontrei no decorrer do curso.

Á todos os entrevistados que realizei para a elaboração desse trabalho.

Enfim, agradeço a todos que contribuíram de forma direta e indireta para a feitura desse trabalho, sem o apoio de vocês nada disso teria sido feito, meu muito obrigado!

LISTA DE SIGLAS

AAJC – Associação de Amigo Junino Cultural.

AMBC – Associação Maranhense de Blocos Carnavalescos.

FESM – Federação das Escolas de Samba do Maranhão

FUNC-SL – Fundação Municipal de Cultura de São Luís

GRES – Grêmio Recreativo Escola de Samba

MARATUR – Empresa Maranhense de Turismo

MITS – Mocidade Independente Turma do Saco

SECMA – Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão

SECULT – Secretaria Municipal de Cultura de São Luís

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Charanga no carnaval de 1972

Figura 2: Bloco Turma do Lamê

Figura 3: Imagem de um Bloco Organizado se apresentando na passarela

Figura 4: Bloco Organizado Os Liberais desfilando na Passarela do Samba no Carnaval de 2019

Figura 5: Bloco Organizado Mocidade Independente Turma do Saco desfilando na Passarela do Samba no carnaval de 2019

Figura 6: Resultado Oficial dos Blocos Organizados no Carnaval de 1987

*“[...] No Carnaval, Esperança
Que gente longe viva na lembrança
Que gente triste possa entrar na dança
Que gente grande saiba ser criança”*

Sonho de um Carnaval. Chico Buarque de Hollanda.

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um estudo de uma manifestação carnavalesca da cidade de São Luís – MA denominado Bloco Organizado. Para tanto se analisa o carnaval ludovicense enfatizando suas manifestações carnavalescas e transformações. Tal enfoque serviu para identificar o que é um Bloco organizado, suas características, quais são, a forma na qual essa manifestação surgiu no carnaval e consolidou-se como uma brincadeira preponderante do período de momo de São Luís – MA.

Palavras – Chave: Carnaval; Charanga; Bloco Organizado.

ABSTRACT

The present work is a study of a carnival manifestation of the city of São Luís – MA called Block organized. For so much the Ludovicense carnival is analyzed demphasizing its carnival manifestations and its transformations. This approach served to identify what is an Organized Block, its characteristics, which are, the way in which this manifestation appeared in the carnival and consolidated as a prepowering play of the momo period of São Luís – MA.

Keywords: Carnival; Charanga; Organized Block.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	13
2 CARNAVAL: UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA	19
3. A FESTA DA IDENTIDADE NACIONAL: O CARNAVAL BRASILEIRO.....	23
3.1 A Folia De Momo Ludovicense: O Carnaval De São Luís	32
4. BLOCOS ORGANIZADOS: DA FORMAÇÃO A CONSOLIDAÇÃO.....	37
4.1 – Blocos Organizados Do Carnaval De São Luís – Ma	44
4.1.1 – Grupo Cultural Bloco Organizado E Banda Os Cobras Das Estrelas.....	44
4.1.2 – Bloco Organizado Unidos De Vila Embratel li	45
4.1.3 – Associação Recreativa Bloco Organizado Pau Brasil	46
4.1.4 – Bloco Organizado Canto Quente	47
4.1.6 – Bloco Organizado Beatos Do Samba.....	48
4.1.7 – Bloco Organizado Unidos Do Porto Grande.....	48
4.1.8 – Bloco Organizado Unidos De Vila Isabel	48
4.1.9 – Comunidade Cultural Bloco Organizado Os Liberais	49
4.1.10 – Mocidade Independente Turma Do Saco.....	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS:	56
ANEXOS.....	60
APÊNDICES	76

INTRODUÇÃO

O interesse em estudar o folguedo carnavalesco de São Luís praticado nas ruas e na passarela do samba surgiu inicialmente, a partir da minha afeição pessoal pelo carnaval da cidade, festa cuja principal característica é a diversidade (SILVA, 2009). Tal diversidade se traduz no grande número de manifestações e personagens que ilustram a referida festa.

A proposta da pesquisa é analisar o carnaval a partir de 1970. Sendo assim, utilizarei como fonte primária tanto os jornais locais da época quanto os relatos orais extraídos dos foliões que vivenciaram a festa carnavalesca durante o período a ser estudado. A pesquisa feita torna-se viável pelo fato de haver documentação suficiente sobre o tema e são acessíveis na Biblioteca Benedito Leite.

Com a referida pesquisa, espero contribuir para o enriquecimento da produção acadêmica acerca dos estudos carnavalescos da cidade de São Luís, uma vez que estes ainda são escassos. A originalidade dessa pesquisa reside na carência de estudos sobre o nosso carnaval, bem como uma de suas singulares manifestações: os Blocos Organizados.

Ao longo da década de 70, os carnavais oficiais de São Luís aconteciam nas praças Deodoro e João Lisboa, lugares que configuravam os principais espaços onde se apresentavam as manifestações carnavalescas. Durante esse período, a estrutura montada para receber os desfiles oficiais era composta basicamente por um palanque construído para as autoridades, enquanto que os demais admiradores da festa assistiam aos desfiles atrás de uma corda.

Segundo SILVA (2009), estudioso sobre o folguedo ludovicense, foi na década de 80 que o carnaval na passarela vivenciou seu apogeu, tanto em termos estruturais quanto na questão das críticas a essa forma carnavalesca. Parte dessas críticas considerava o carnaval praticado na passarela de São Luís uma cópia mal feita do carnaval carioca. Quem eram esses críticos e quais suas intenções? De onde surgiram essas críticas? Elas eram rebatidas? Por quem? Qual o papel da mídia, mais especificamente, da imprensa escrita na divulgação dessas críticas e qual o seu posicionamento frente a esses debates? Qual a importância dos blocos organizados para o carnaval ludovicense?

Esta pesquisa se fundamenta a partir da minha inquietude em encontrar respostas que satisfaçam as indagações acima.

A obra de Silva (2009) me despertou particular interesse em estudar a passarela do samba e seu carnaval na década de 1980, sobretudo porque o autor trata a referida década como o período auge do carnaval na passarela. A leitura da referida obra me proporcionou o norteamento básico e necessário para desenvolvê-lo dessa pesquisa.

Outra obra de grande relevância sobre o carnaval de São Luís foi à escrita pelo historiador Ananias Martins, intitulada: *“Carnavais de São Luís”*. Pesquisador simpático à cultura de São Luís, Ananias Martins discorre sobre o carnaval da cidade de forma a conceituá-lo em três fases: Carnaval colonial; carnaval dos cordões; e o carnaval do samba.

Nessa obra, o autor trata desde as origens do carnaval ludovicense ainda no século XIX, destacando o papel dos escravos e pobres na feitura da referida festa, caracterizada nesse momento por Martins como carnaval colonial, em virtude das características da sociedade da época.

Fato que me chamou bastante a atenção na obra de Ananias Martins, diz respeito à fase do carnaval do samba, período em que as brincadeiras adotarão o samba como principal característica, tanto em termos estéticos como estruturais.

Outra obra de importante relevância e que me despertou curiosidade sobre o assunto foi o livro *“Quando a Purpurina não Reluz”* de Euclides Moreira Neto. A referida obra trata sobre o carnaval de São Luís no ano de 2013. Neste ano, o carnaval de São Luís sofreu um duro golpe: a passarela do samba não fora construída. Tal golpe, desferido pelo recém eleito prefeito Edivaldo Holanda Junior, chamou a atenção de Moreira Neto e o levou a escrever o livro.

O carnaval ludovicense no decorrer de sua história tem passado por várias mudanças, e a partir dessas mudanças nas manifestações festivas que surge o chamado Bloco Organizado, que pretendo abordar nesse trabalho.

Para isso, demonstrar-se o carnaval ludovicense como variado, ou seja, de diversas manifestações é algo bastante relevante. Adentrando-se a esses grupos

carnavalescos, exclusivamente em São Luís do Maranhão encontramos um grupo festivo conhecido como Bloco Organizado. Para tanto, as abordagens feitas nesse trabalho busca demonstrar o contexto em que esses blocos surgiram em no carnaval de São Luís (como), justamente as consequências (porque), além da época em que surgiu (quando).

De acordo com as pesquisas feitas para a elaboração desse trabalho, podemos afirmar que há uma possibilidade para afirmar as considerações acima. O carnaval ludovicence sofreu diversas transformações a partir de meados da década de 1970 com a introdução da passarela do samba em São Luís. Com ela, as manifestações também sofreram mudanças, e nesse período foi que surgiu o chamado bloco organizado como consequência de um grupo festivo antes denominado charanga. Com a implantação da Passarela do Samba e sua ascensão essa que é o espaço de apresentações onde todas as manifestações começam a desejar o título do carnaval, precisavam ser mais apresentáveis, uniformizadas, ou seja, “organizadas”.

Pelo fato de que ainda hoje não se conhece e não se tem alguma referência de um trabalho acadêmico apresentado em relação a essa manifestação. Justifica-se essa análise, portanto analisaremos e apontaremos essa manifestação, esses blocos, a definição (o que são), porque surgiram, quais são os principais e suas características.

Como o carnaval passou a ser objeto de estudo de muitos intelectuais, há a possibilidade de esse trabalho servir de fonte de pesquisa/substrato para novos estudos carnavalescos, já que é o único que aborda especificamente os Blocos Organizados.

O objetivo desse estudo é analisar o carnaval ludovicence através de suas manifestações, enfatizando-se os blocos organizados. É nesse contexto que podemos compreender como esses surgiram no carnaval e se consagraram uma brincadeira da festa de momo ludovicence. Adentrando-se a esta análise, descrevemos quais são os blocos, apontaremos suas principais características além das mudanças que esses sofreram desde o seu início até os dias atuais.

O recorte cronológico da minha pesquisa inicia a partir da década de 1970, quando é implantada a passarela do samba em São Luís e se estende até os dias de hoje e a metodologia desse trabalho, a qual ele está sendo efetivado é na análise de conteúdos e pesquisas de fontes (livros e revistas eletrônicas) sobre essa temática, o carnaval, a consulta ao acervo de jornais antigos da BPBL - Biblioteca Pública Benedito Leite - em busca de informações referentes ao carnaval e explicitamente os Blocos Organizados, além da pesquisa e coleta de dados às sedes dos blocos, e na Passarela do Samba no período carnavalesco, já que o carnaval é uma data comemorativa anual, a fim de enriquecer esse trabalho.

No campo das Ciências Humanas o carnaval é um assunto que tem se tornado muito recorrente e passou a ser objeto de estudo de alguns sociólogos, antropólogos e historiadores, além de está inserido a um complexo cultural. Idealizar o carnaval enquanto objeto de estudo para a História permite que essa brincadeira seja avaliada em um contexto amplo, em que haja interação entre brincadeiras e brincantes.

Michel De Certeau em sua obra "*A invenção do Cotidiano: Artes de Fazer*" discorre um plano de análise que se baseia em estudar práticas cotidianas como de ação de operações realizadas pelo indivíduo no processo de interação social. Essas teorias de práticas cotidianas extrai maneiras de fazer, que por vezes não passam de resistências em relação ao desenvolvimento sociocultural.

De Certeau afirma que o agir é inseparável de uma arte, um estilo: na vida ordinária a cultura é exercida como uma arte e necessita-se de um meio teórico para distinguir maneiras de fazer, para pensar estilos de ação: fazer uma teoria das práticas. O autor aborda também a produção cultural, da cultura ordinária, da criatividade das pessoas, e o carnaval é uma arte feita pelas pessoas que o pratica.

A obra está dividida em cinco partes: Primeira Parte (Uma Cultura Muito Ordinária); Segunda Parte (Teorias da Arte de Fazer); Terceira Parte (Práticas de Espaço); Quarta Parte (Usos da Língua) e a Quinta Parte (Maneiras de Crer). Para aprimorar esse trabalho é válido apenas a Primeira Parte que está subdividida em três capítulos: primeiro capítulo – *Um Lugar Comum: A Linguagem Ordinária* – segundo capítulo – *Culturas Populares* – e terceiro capítulo – *Fazer Com: Usos e Táticas*.

No Primeiro capítulo o assunto em pauta é sobre o “homem ordinário” e sua linguagem, considerando pelas elites um extravio não somente da escrita mas também a própria figura desse personagem, considerado enigmático em relação ao ambiente ao seu redor.

No segundo capítulo De Certeau ressalta que o enfoque da cultura popular compreende o ato da palavra, que é a maneira que a língua é apropriada dentro de uma situação, como explica que “essa problemática pode ser estendida ao conjunto da cultura a título das semelhanças entre indivíduos” (CERTEAU, 2007, p.80).

No terceiro capítulo a aproximação da ciência com a cultura, o autor define a produção cultural como uma área em que a racionalidade pode ser aplicada, permitindo “gerir o trabalho mediante a divisão (uma análise), mapeando-o (uma síntese) e massificando-o (generalização)” (CERTEAU, 2007, p.92).

Esse trabalho faz uso da memória, que em suas análises se questiona sobre as origens de um objeto de estudo. O fazer do historiador está alicerçado no passado, na trajetória percorrida pelo homem e seus feitos. Tudo gira em torno de um começo, um meio e um fim, cabendo ao historiador resgatar seu núcleo inicial. Assim é que, nesse trabalho, pretende-se inicialmente analisar como surgiram os Blocos Organizados no Carnaval de São Luís e também o começo e a trajetória de cada um desses.

A História Oral está presente nesse trabalho, pois a técnica utilizada para a melhor apreensão será as entrevistas tornando-as pertinente para esse trabalho. Dessa forma podemos utilizar a autora Verena Alberti em seu texto “*O lugar da História Oral: o fascínio do vivido e as possibilidades de pesquisa*” extraído do livro *Ouvir Contar: textos em História Oral* nos ensina como trabalhar com a oralidade, isto é, a fonte oral. Esta é o estudo da História Contemporânea que surge no século XX com a criação do gravador a fita. Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram ou testemunharam um determinado evento.

Com base nos estudos acima citados, seja da História, Antropologia e outros das Ciências Humanas, darei ênfase nessa pesquisa no que tange o que é o Bloco Organizado partindo da análise e características do carnaval Ludovicense.

O trabalho está dividido em três capítulos. No primeiro capítulo titulado “*Carnaval: Uma Breve Abordagem histórica*” traço um pequeno enfoque histórico acerca do carnaval.

No segundo capítulo titulado “*A Festa da Identidade Nacional: O Carnaval Brasileiro*” procuro discorrer sobre o carnaval brasileiro, os elementos do carnaval brasileiro, bem como o carnaval carioca, nordestino e ludovicense.

No terceiro e último capítulo titulado “*Os Blocos Organizados: Da Formação à Consolidação*” destaca-se a gênese e o desenvolvimento dos Blocos Organizados, seu auge na década de 1980, quais são esses Blocos Organizados, atualmente, no carnaval de São Luís e seu declínio.

Por fim nas Considerações Finais da relevância deste trabalho, o papel desta brincadeira dentro do cenário de ludovicense, sua importância e suas contribuições para o carnaval de São Luís.

2. CARNAVAL: UMA BREVE ABORDAGEM HISTÓRICA

O carnaval é a festa de maior expressão do Brasil, é considerada uma identidade nacional e durante o seu período, milhares de pessoas adentram as inúmeras formas de brincar-lo. Dentro desse cenário cabe ao historiador pesquisar a gênese dessa tão querida festa que encontrou o Brasil como seu expoente máximo.

Procurar o início do carnaval é mergulhar em diversas histórias, perpassando por celebrações mitológicas, um universo de histórias, dentre as quais egípcias, gregas e romanas. Os primórdios da festa segundo Sebe¹ (1986, p.09) “Não raramente a origem dos festins carnavalescos se encontra envolvida por explicações mitológicas, ligadas á figura de deuses apaixonados, á tragédia e a cultos como o da fertilidade e da natureza”². É interessante frisar que as comemorações remotas eram realizadas em honra aos deuses dessa época e são vistas como início do carnaval por determinados estudiosos.

Uma hipótese levantada por SEBE é que a origem do Carnaval está entre os egípcios antigos mais precisamente entre os deuses Ísis e Osíris. Para ele muitos dos elementos no ritual carnavalesco encontram sinônimos em festas antigas como as celebrações de Ísis e Osíris. “O culto ao corpo, a exaltação sensual, a aparente modificação das regras Cotidianas, tudo combina com o que rege as normas do Carnaval” (SEBE, 1986, p. 10).

Dessa forma, Ísis como era uma protetora da natureza, recebia inúmeros mortais que se reuniam em sua homenagem anualmente para dar graças a vida. Ocorriam celebrações na época do plantio e da colheita ciclicamente, e esses mortais deviam dançar, brincar, festejar para que as sementes crescessem e os frutos fossem bons.

Outra tese levantada por SEBE (1986) é que o carnaval tenha surgido na cultura grego romana. Na Grécia e na Roma antiga as festas permitiam transluzir o culto aos prazeres, na qual ocorriam festas bacanais, luperciais, saturnais e estas poderiam ser originárias da festa carnavalesca. Essas festas eram celebrações implicavam a existência de rituais libertadores das atitudes reprimidas e abrigavam a extroversão, a permissividade, prevalecendo “o tempo dos vícios” (SEBE, 1986, p. 11). Dentro desse cenário, a origem do carnaval se encontra submergida em

¹ José Carlos Sebe é livre docente e professor do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

² SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Editora Ática, Séries Princípios, 1986.

esclarecimentos mitológicos, relacionados á figuras de deuses e rituais. Portanto o carnaval segundo essas crenças mitológicas seria a festa em que um período se completaria.

De um modo geral, pode-se concluir que, segundo a tradição mitológica, o carnaval seria a festa em que um ciclo se completaria. a personificação de um rei sobrenatural que seria corporificado em um vivente ou a oposição de dois reis que se confrontariam, morrendo o mal, remete o carnaval à ideia de uma festa ligada ao sentido da vida (SEBE, 1986, p. 20).

Não há uma definição exata para a nomenclatura carnaval. Há vários sentidos, definições e origens quando nos referimos á esse nome. Segundo Sebe (1986) “é difícil tanto explicar a origem das festividades quanto definir o nome carnaval. Como, na interpretação comum, o carnaval está determinantemente ligado ao triunfo do cristianismo, a explicação vulgarmente mais aceita é a da *carnevale*” (SEBE, 1986, p. 30). Para isso o referido autor se baseia em outros termos como carnelevamen e outro autor como Petrochi para a explicação do sentido do carnaval, que é o “adeus á carne”, numa alusão á terça feira gorda, o último dia do calendário cristão em que é permitido comer carne.

Outra hipótese levantada por SEBE é que o nome carnaval está agregado as palavras *carrusnavalis* que é associada á um carro, na qual carregava-se um imenso tonel e servia vinho ao povo na Roma Antiga (Sebe, 1986).

Certamente um dos prismas que envolve o carnaval está relacionado a questão do calendário. Para essa questão utilizo o autor Felipe Ferreira em sua obra “*O Livro de Ouro do Carnaval Brasileiro*”³, em que discorre que a estipulação dos dias do carnaval está diretamente ligada ao cristianismo, uma vez que a quaresma determina o início e o fim, a quarta feira de cinzas e o domingo de páscoa, período em que o jejum predominava e tinha total abstinência á carne.

Há uma tese também levantada por Ferreira (2004), que é a mais aceita dentre os estudiosos, que o carnaval teria surgido no período medieval, tendo forte relação com a quaresma, período em que os as pessoas devem se dedicar as questões espirituais e privar-se das questões carnis, ou seja, é o período do “adeus á carne”.

[...] A história começou no ano de 604 quando o Papa Gregório I deliberou que num determinado período do ano, os fiéis deveriam deixar de lado a vida cotidiana para durante um certo número de

³FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

dias, dedicarem-se exclusivamente às questões espirituais. Todo esse evento durava em torno de quarenta dias, lembrando os quarenta dias de jejum e provações passadas por Jesus no deserto antes de iniciar seu ministério apostólico. Por causa disso, o período ficou conhecido como com o nome de quadragésima ou quaresma. A usança foi-se espalhando, até que no ano de 1091, época do Papa Urbano II, foi realizada uma reunião dos representantes da Igreja – chamado de Sínodo de Benevento – na qual se decidiu, entre muitas outras coisas, que estava na hora de escolher a data oficial para o período da Quaresma [...] É claro que, com o passar do tempo, foi-se estabelecendo o costume de se realizarem muitas festas nos dias imediatamente anteriores a esse longo período de abstinência [...] (FERREIRA, 2004, p. 25 e 26).

Portanto esse período do adeus a carne segundo Ferreira (2004) que procede a quaresma, era aceito pela Igreja como uma forma de “ganhar” fiéis, visto que o período vigente era o medieval em que a Igreja Católica controlava as ações sociais, e uma vez que a Igreja não ordenava esse ato a mesma poderia perder um grande número de fiéis. Ao acolher o carnaval e suas redundâncias ela poderia decretar rigidez no decorrer do ano, afirmando sua afeição durante a antecedência da abstinência.

Para calcularmos a data do carnaval é preciso primeiramente saber o dia do equinócio de outono no Hemisfério Sul e primavera no Hemisfério Norte, logo após é necessário identificar quando será a lua cheia posterior á esse equinócio. Em seguida verificar o primeiro domingo após essa lua cheia, e esse será o domingo de páscoa, então só conferirmos 46 dias antes desse domingo de páscoa e então chegamos na terça feira de carnaval, ou terça feira gorda.

No decorrer do tempo o carnaval passou por diversas mudanças, adotou hábitos e características regionalizadas, ou seja, cada região tem sua forma de brincar o carnaval, sendo assim o começo de formas específicas e modelos que vão estimular o carnaval que conhecemos hoje.

O carnaval é uma festa que preenche um espaço de evidência na vida do homem, é considerada por vários estudiosos como uma das festas mais significativo do calendário anual. As brincadeiras da festa de momo têm o hábito de explanar relações entre as classes sociais e suas maneiras de manifestação. Dessa forma é que se expõe ideias como o conceito de cultura popular que serve para orientar estudos no âmbito da história cultural.

O estudioso Antônio Arantes (1998) em sua obra *O que é cultura popular* ressalta sobre as distinções que permeiam em sociedades fundamentadas na noção de cultura que se representa nas diferenças entre o erudito, ligado aos grupos que influenciam a economia, o conhecimento e a política e o popular afiliado às classes menos conceituadas desses tópicos. Arantes frisa a necessidade de entendermos a maneira na qual essas classes induziram uma na outra e a relevância de julgarmos o espaço de atividade de cada uma.

Outro ponto mencionado por Arantes é que a cultura popular está sobre questões que ainda precisam de mais conhecimento para que se possa demarcar os convicções e argumentos referentes ao tema. Então o vínculo entre as diferenças, espaços e as práticas do povo são significativos instrumentos para a concepção de uma sociedade e seu progresso.

A concepção de cultura popular é um assunto que fraciona opiniões entre intelectuais. De todo modo está demarcado a dicotomia entre o erudito e o reputado mais popular. Tem relação com questões econômicas e seus desdobros, isto é, as desigualdades entre quem tem bens materiais e quem não tem é ponderada no modo como esses indivíduos se apresentam nas artes, na música ou na dança. Nesse contexto, o carnaval pode-se contestar dentre as brincadeiras da mesma temática e que são decorrentes de uma mesma prática social.

3. A FESTA DA IDENTIDADE NACIONAL: O CARNAVAL BRASILEIRO

Neste capítulo será enfatizado o carnaval brasileiro, enquanto um dos elementos da identidade nacional. Assim sendo o intuito desse capítulo é frisar as raízes carnavalescas do Brasil e as influências que esse sofreu por parte dos europeus, indígenas e africanos, além de mencionar como é o carnaval carioca e o carnaval de alguns locais nordestinos.

Partindo do autor José Carlos Sebe em sua obra *Carnaval, Carnavais* (1986), autor e obra já mencionados no capítulo anterior, mais precisamente no capítulo seis intitulado “As Raízes Carnavalescas” procura entender o Brasil a partir de manifestações culturais como Gilberto Freyre e Maria Isaura Pereira de Queiróz para entender sobre as raízes carnavalescas. Segundo ele, “Gilberto Freyre indica que se poderia chegar a uma classificação regional do Brasil por uma forma menos convencional, ou seja, a partir das maneiras variadas de se brincar o carnaval” (SEBE, 1986, p. 32).

Ele explica por meio de concepção de Queiróz, que o carnaval é variado e mesmo que haja a realização das mais diversas manifestações na mesma data, existe uma complexidade, devido ao contraste entre o “carnaval de aldeia” e o “urbano”. Segunda Maria Isaura Pereira de Queiróz “o primeiro com práticas marcadas pela manutenção do tradicional e com costumes determinados pelo tempo; o segundo já com dinâmica e variações aceleradas (SEBE, 1986, Apud, QUEIRÓZ, 1978, p. 32).

O autor complementa a afirmativa da autora afirmando que “a procura das raízes das diferentes formas de viver o ‘reinado de momo’ certamente ajudaria a compreensão dos fenômenos e mesmo o significado desta ‘fusão’ de tantas em uma única festa” (SEBE, 1986, p. 32). Ele explica que existe uma tendência em tentar universalizar o carnaval, mas como ele explica, é uma “rede infindável de manifestações regionais que, através dos tempos, tem recebido um tratamento nivelador, tentando determiná-los como uma única manifestação” (SEBE, 1986, p. 33).

O autor quando apresenta sobre a origem do carnaval explica que existe uma grande variedade e também a forte presença do regionalismo. O que melhor

explica sobre a origem dessa manifestação estaria relacionado com uma classificação onde existiria cinco indicadores para a origem do carnaval: “o europeizado, o africano ou negro, o orientalizado, o indigenizado e o urbanizado-carioca” (SEBE, 1986, p. 33). Ele no decorrer dos capítulos seguintes explica sobre cada um deles.

Sobre o carnaval europeu, existem diversas versões que buscam retratar a sua origem. As mais aceitas explicam que “a forma popular teria se definido em Roma e a forma segundo os padrões de elite, em Veneza, na República” (SEBE, 1986, p. 34). Isso permite detectar que o carnaval era algo celebrado por todas as classes, cada um a sua maneira, tendo espaços diferentes e uma dinâmica diferenciada.

Em ambos os casos, se caracterizariam por uma certa permissividade, pelo uso de máscaras transformadoras, em determinado dia. O período completo da festa, depois de sua compatibilização com o calendário cristão, era longo, indo do Natal até a Quaresma. Desde sempre o carnaval manteve a ideia de espaço como fundamental: os salões para a elite, a rua para o grande público, pobre (SEBE, 1986, p.34).

O autor percebeu que o carnaval de Portugal possuía muitas características daquele praticado pelos italianos, pois “sabe-se que tanto o baile de máscaras de inspiração veneziana como o famoso Entrudo foram divulgados e amplamente aceitos.” (SEBE, 1986, p. 35).

Existe também uma versão que indicaria que o carnaval europeu seria de origem religiosa, pois “tem-se que esta celebração é indicada no calendário da Igreja para superar o tempo da austeridade, o rigor espiritual e do físico” (SEBE, 1986, p. 35). O interessante é que essa versão não contradiz com a relação com o Entrudo, pois “a versão religiosa de origem da celebração não afasta a possibilidade de o Entrudo ter sido transplantado da metrópole para as colônias” (SEBE, 1986, p. 35).

Nas análises sobre o carnaval ele seguiria duas linhas principais. Uma burguesa “propriamente dita, mundana, que gerou o carnaval de salão, de máscara, nitidamente das classes privilegiadas” (SEBE, 1986, P. 36) e o carnaval de rua, que seria mais complexo, pois para se tornar europeizado precisou da “transposição do estilo das celebrações religiosas locais como os cucumbis, as folias-de-reis, as

folias-do-divino, as pastorais, as taieiras, as congadas e até mesmo os funerais” (SEBE, 1986, p. 36).

As versões da origem do carnaval do Brasil a partir de raízes negras e africanas é algo forte, explicando que haveria uma dupla cooptação de ritmos e modos de representação, pois “por um lado os negros teriam se deixado penetrar pelas maneiras brancas de celebrações, até para sobreviver e por outro lado, os brancos teriam se adaptado às festas, ‘depurando’ o estilo celebrativo criado pelos escravos” (SEBE, 1986, p. 3).

O autor explica que o carnaval de salão “tem suas explicações voltadas ao mundo europeu e burguês, o de rua fica a desafiar todas as sondagens quanto a suas origens” (SEBE, 1986, p. 39).

A reorganização da vida negra no Brasil exigiu adaptações de todas as nações transplantadas para o mundo colonial. Sem dúvida o convívio diário no eito, sob a pressão da exigência do trabalho, conduziu-os à elaboração de um universo próprio, obedecendo a duas tendências convergentes: os interesses internos dos grupos de negros e os modelos da sociedade patriarcal, colonizadora. De qualquer forma, a sociedade branca se distinguia da escrava até pelas danças e batuques. ‘Apenas se reúnem alguns negros e logo se ouve a batida cadenciada das mãos, é o sinal de chamada de provocação à dança (SEBE, 1986, p.39-40).

A análise da origem do carnaval brasileiro parte de concepções sobre algumas das principais manifestações de negros durante a história do país. Uma delas é a festa do Rei do Congo, realizada no período colonial que acontecia em conjunto com a festa de Nossa Senhora do Rosário. Nessa festa, havia a coroação do Rei e da Rainha e do Ministério de Estado.

A análise dessa manifestação percebeu algumas características que seriam os primórdios do que se tornaria o carnaval. “Não apenas o enredo do cerimonial, mas a própria existência de um rei e uma rainha ficam a instigar o aparecimento do mestre-sala e da porta-bandeira ou mesmo a rainha das futuras escolas de samba” (SEBE, 1986, p. 41).

Segundo o autor, uma das cerimônias negras que mais apresenta características do carnaval brasileiro é o cucumbi, uma manifestação ainda pouco estudada e com muita festividade e manifestação popular. “O cucumbiera uma cerimônia que ocorria depois de uma refeição onde o prato principal era o cucumbe,

um quitute que faziam os congos e munhambanas, nos dias da circuncisão dos seus filhos.” (SEBE, 1986, p. 43).

A partir de análises dos estudos realizados por Gilberto Freyre e de Thomas Ewbanic têm-se uma versão de que a origem do carnaval brasileiro está relacionado com o oriente, ele se baseia nesse fato dizendo que “além de muitos outros costumes exóticos, o Entrudo vivido no Rio de Janeiro daquele ano, 1846, era a mesma celebração do *hohlee*, do Indostão” (SEBE, 1986, p.45).

Ele explica que depois da vinda da família real ao país, os produtos advindos de China e Índia começam a se fazer presentes no cotidiano brasileiro. “As propagandas de jornais anunciaram os produtos e, mais do que isto, deixavam entrever uma rede de comércio, que permite supor, mais do que simples atividade econômica, uma influência bastante conseqüente” (SEBE, 1986, p.45).

O *hohlee* apresenta diversas características do carnaval atual. Uma delas é a forma como é celebrado o *hohlee*, que “consiste em lançar certa quantidade de farinha feita de uma noz aquática chamada *abbeer*, e o principal divertimento é lançá-lo aos olhos, á boca e ao nariz dos foliões e enlameá-los com água tingida cor de laranja.” (SEBE, 1986, p. 46). Essa semelhança com algumas práticas de hoje, como jogar talco nas pessoas e se lambuzar de espumar guardam semelhanças com o *hohlee*.

Outras semelhanças são as frutas do Entrudo, que teria uma relação com pequenos glóbulos que lá eram feitos com material gelatinoso e aqui é feito usando cera. “È possível fazer boa pontaria contra aqueles a quem se deseja; necessitam, porém, ser manejados habilmente, pois rompem ao mais ligeiro contato” (SEBE, 1986, p. 46).

Outra semelhança tratada pelo autor é a tradição em borrifar água nas pessoas, algo que era visto no *hohlee* e que ainda persiste no carnaval de rua atualmente e também alguns elementos como “canções especiais, falas libertinas, música de tambores, trombetas, violinos e címbalos. Esses elementos seriam evidentes na ‘recriação’ da festa no Brasil.” (SEBE, 1986, p. 47).

Sobre o carnaval indigenizado, existem pontos fortes a favor dessa versão. Primeiro devido a “mistura das três raças”. O segundo é devido a capacidade dos

grupos indígenas de se reunirem e fazerem uma festa. O autor explica que de todas as manifestações indígenas, a que é mais lembrada é antropofagia, que sendo muito discutida, “Apenas recentemente tem havido um esforço para uma análise mais aprofundada da antropologia, para além de suas características ‘primitivas ou selvagens’” (SEBE, 1986, p. 48).

Para o entendimento das origens do carnaval a partir de uma visão indígena, é importante a análise sobre os modelos de festas. Primeiramente fazendo uma análise do carum, que eram “as festas principais da vida dos tupinambás (nascimento dos filhos, a primeira menstruação das moças, as cerimônias mágicas, que antecederiam a partida para a guerra ou seu retorno, o trabalho coletivo na lavoura)” (SEBE, 1986, p. 50).

Os modelos de festas indígenas apresentavam muitas características ritualísticas, algo muito presente no carnaval e em outras manifestações artísticas brasileiras. “A conexão existente entre o sentido cênico, representado, destas festivais indígenas, permite supor a transposição dos rituais indígenas, para a origem brasileira selvagem, do carnaval” (SEBE, 1986, p. 50).

Uma relação interessante apresentada entre o carnaval e suas raízes indígenas é o uso de máscaras. “O costume da mudança dos papéis sociais dos personagens e do grupo é, em muitos casos, considerado uma transposição da prática indígena (SEBE, 1986, p. 51).

E essa questão transportaria a discussão das raízes do carnaval para fora do Brasil, pois diversos países da América Latina apresentam em suas principais manifestações culturais a presença do índio. “Esse fato poderia explicar a surpresa da constatação de uma espécie de carnaval de matriz indígena, encontrado com vigor não só no Brasil, mas principalmente na Argentina, Bolívia, Peru, México e Colômbia” (SEBE, 1986, p. 51).

Outra constatação que indicaria a forte presença do indígena é a presença dos “blocos de índio” em manifestações do carnaval e São João, e “até hoje são encontrados em muitas cidades do interior, particularmente do Nordeste.” (SEBE, 1986, p. 51).

O autor finaliza sua análise sobre o carnaval indígena explicando que “o maior apelo para a afirmação da raiz ‘selvagem’ do carnaval corre por conta da constatação latino americana destas celebrações, desde a colonização. O processo adaptativo teria mudado o caráter inicial e aproximado datas e funções” (SEBE, 1986, p. 53).

Muito se discute sobre a concepção de que o carnaval brasileiro teria se originado no Rio de Janeiro, pois “enquanto capital da República, o Rio de Janeiro teve um papel fundamental para a vida nacional, funcionando sempre como um filtro por onde os hábitos europeus haveriam de passar” (SEBE, 1986, p. 54). Pelo fato do Rio de Janeiro ser palco da maioria das manifestações aceitas a nível nacional, sem dúvida é considerado a matriz cultural brasileira.

Em relação ao carnaval, a primeira definição sobre a realização da festa está presente no Rio, pois, “A certidão do batismo do carnaval, em regras é considerada a portaria baixada pelo chefe de polícia do Rio de Janeiro proibindo o Entrudo pelas suas repercussões agressivas” (SEBE, 1986, p. 55). Sobre as interpretações inerentes a ampliação da concepção do carnaval carioca a nível nacional, o autor explica que:

Apenas mais recentemente tem-se colocado a questão da ‘brasilidade’ do carnaval carioca, independentemente de outras possíveis raízes exóticas. Ao que tudo indica, o carnaval europeu, no Rio de Janeiro, se desfigurou tanto que se constituiu em outra realidade. A questão que resta permanece ligada á origem do carnaval como uma manifestação carioca. Nessa ordem colocam-se interpretações do tipo ‘o carnaval brasileiro é apenas o resultado de uma aclimatação local de rituais estrangeiros refeitos na antiga capital imperial (SEBE, 1986, p.55).

Segundo Sebe (1986) existem três versões para o surgimento do carnaval carioca. A primeira é o Entrudo transformado, que seria uma variação das festas européias, que originou os festivais. A segunda é a mistura de duas festas diferentes, “que conviveriam juntas durante certo tempo e que depois foram organizadas em termos de espaço e variações, gerando finalmente uma celebração multifacetada” (SEBE, 1986, p. 55). E a terceira seria a origem de uma celebração nova, que é a transformação do carnaval europeu ou de diversas possíveis raízes em algo tipicamente carioca, “inspirada nos ranchos evoluídos e animados por um

ritmo (o samba) e pela definição de um espaço urbano (o centro da cidade)” (SEBE, 1986, p. 55-56).

Para o início da análise do carnaval carioca, o autor enumera diversos conceitos. O primeiro deles é o Entrudo carioca. O autor começa a explicar sobre essa questão porque “o Entrudo não deixa de ter aspectos de muito interesse para o entendimento das relações sociais do Rio de Janeiro desde o século passado” (SEBE, 1986, p. 56).

Essa prática era descrita muitas vezes como uma batalha, onde era utilizado pó branco e colorido, objetos com ovos e frutas e principalmente jatos de água, que eram jogados pelas janelas ou por meio de seringas:

O Entrudo era uma prática de rua, a céu aberto. Os participantes, sempre em grupos, entravam em confrontos, algumas vezes animados por simples vontade de brincar; outras, contudo, agressivamente como revida. A cada ‘ataque’ deveria corresponder uma resposta chegando sempre o ‘fogo’ a consequências sérias. Os produtos utilizados variavam. No caso de líquidos, ia desde perfume, ‘caldos coloridos’ conhecidos como ‘sangue de diabo’, até urina. Em regra, tais líquidos eram acondicionados nas chamadas ‘frutas do entrudo’ ou simplesmente ‘limões’ ou ‘laranjinhas’. Os pós variavam desde farinha do reino (trigo), rapé, areia, até o aromático pó-de-arroz ou pó-da-china (SEBE, 1986, p.59).

Uma das características presente no carnaval atual é o travestimento de homens, que escolhem se vestir de mulher, animais ou outro tipo de vestimenta e máscaras para brincar o carnaval de rua. “Pode-se dizer que esta versão do carnaval está intimamente ligada ao Entrudo” (SEBE, 1986, p. 60). O autor cita também diversos blocos carnavalescos que seriam uma forma mais branda do Entrudo.

Sobre os espaços carnavalescos. O autor primeiramente, faz uma distinção entre o carnaval de rua e o de salão. A primeira precisou da intervenção da polícia para o abrandamento do Entrudo e foi a que mais teve intervenções dos aparelhos repressores do Estado, por ser taxado de violento, ferir a moralidade e ser classificado como perturbador do ambiente urbano e por isso foi diversas vezes repelidos dos principais locais do centro urbano, sendo realizados onde a polícia tinha menor atuação. “Desde a proibição do ‘jogo’, as manifestações populares viram-se mais ‘puramente’ no interior, nas pequenas cidades” (SEBE, 1986, p. 61).

Já em relação ao carnaval de salão era tido como uma forma mais controlada e ideal de brincar o carnaval e aconteciam em espaços elitizados da cidade. “Nesta época, os salões passavam a ser o espaço preferido pelas elites: eram mais seguros, disciplinados e europeizados” (SEBE, 1986, p.61).

O carnaval popular inicialmente saiu das áreas centrais da cidade e ganhou força na periferia enquanto o “grande carnaval” perdeu força, mas que ainda se manteve presente principalmente em outra lógica, como explica o autor:

O ano de 1906 funcionou como um divisor de águas na história do carnaval brasileiro. A fundação do Rancho Ameno Resedá marcou a vitória do carnaval popular carioca sobre o europeizado. Era também o triunfo do modelo baiano das festas religiosas que se havia secularizado e se adaptado às condições da capital. Contudo, não é de todo válido admitir que o carnaval de rua evoluiu em contraposição ao de salão. O próprio sentido de classe, de elite, de poder de uma camada economicamente privilegiada forçou sempre a opção por formas próprias de organização do carnaval: depois das ruas, buscaram-se os salões, em seguida, através da classe média, retornava-se ao espaço público, ‘oficial’, por meio da tentativa de domínio das escolas de samba (SEBE, 1986, p.63).

Uma das características que mais identifica o carnaval do Rio de Janeiro são as escolas de samba, que segundo o autor, teria relação antigas procissões religiosas. Para defender essa ideia, ele apresenta como argumentação alguns aspectos, como o “conjugado, num cortejo, irmandades, santos em altares móveis, bandas e toda uma rica representação cênica” (SEBE, 1986, p. 65).

O autor explica que “a transposição do sagrado para o profano fez com que a escola de samba se organizasse segundo um modelo próprio” (SEBE, 1986, p. 66). Ele também explica que em seus primórdios, o carnaval das escolas de samba era festa de pobres mas que isso muda porque depois as elites e a classe média se apropriam dessa maneira de brincar o carnaval.

O aparecimento das escolas de samba foi no início do século XX. Na década de 1930 as escolas começam a se organizar institucionalmente. “O grande salto no sentido da institucionalização das escolas de samba foi dado em 1935, quando todas foram obrigadas a se registrar oficialmente, debaixo da sigla GRES (Grêmio Recreativo Escola de Samba)” (SEBE, 1986, p. 71).

Com essa institucionalização, definiu-se como seria a ordem do desfile, que era da seguinte forma: primeiro o coro masculino para abrir o desfile, um grupo de pastores que cantava apoiando o compositor do samba principal, uma porta estandarte ladeada por mestre sala, as alas de baianas e, finalmente, o "caramanchão", algo como uma ala de compositores cercados por músicos. Os locais mudaram até chegar ao atual. "O desfile da praça Onze mudou-se para a avenida Rio Branco, depois para o Presidente Vargas e finalmente para a Marquês de Sapucaí" (SEBE, 1986, p. 72).

Outras mudanças do carnaval carioca é o enriquecimento das escolas nos anos 50. "Os bicheiros passam a contribuir para o refinamento das fantasias e dos instrumentos. Os políticos também descobrem as escolas e pretendem transformá-las em campo de caça-votos" (SEBE, 1986, p. 72).

Esse enriquecimento não foi apenas no âmbito econômico, mas também foi acompanhado da ideologia do embranquecimento, mas algumas delas se "manteve como um polo de resistência das tradições carnavalescas cariocas" (SEBE, 1986, p. 72). Em relação aos temas centrais que permeiam as discussões sobre o carnaval, o autor explica que há um questionamento sobre viés popular do carnaval, que não estaria relacionado somente com as origens dessa manifestação, mas também com a participação desses grupos no decorrer da história nessas festas.

Há uma espécie de obsessão quanto á legitimidade do carnaval brasileiro por meio da participação do povo. Parece que a tendência geral é a constatação do carnaval como uma forma de organização de resistência á cultura oficial, destruidora dos resíduos populares. Ambos os casos devem ser considerados em blocos: acredita-se que o carnaval brasileiro tenta ser definido como celebração nacional a partir da organização do povo; também se considera que as demais influencias tenham se cruzado, filtradas através dessas manifestações (SEBE, 1986, p.76).

O autor também apresenta duas versões sobre o carnaval. Uma está relacionada com a linha dionisíaca, que explica que "o carnaval seria uma festa que conduziria ao desarranjo da ordem estabelecida. O grande projeto do carnaval seria então a inversão do estabelecido, a troca de papeis por meio do disfarce liberado" (SEBE, 1986, p. 77). A outra linha é a apolínea, que traz uma visão diferente e um viés um pouco mais positivo, pois "o carnaval seria uma oportunidade de combinação de valores sociais, culturais, de grupos variados que estariam através

do convívio em uma situação diferenciada, harmonizando suas propostas” (SEBE< 1986, p. 77).

3.1 A Folia de Momo Ludovicense: O Carnaval de São Luís

Nesse subtema será enfatizado o carnaval da cidade de São Luís do Maranhão, festa á qual tem por objeto desse trabalho os Blocos Organizados. Frisamos os elementos que fazem parte do carnaval local, perpassando o período do carnaval antigo até os dias de hoje onde o carnaval é a festa da diversidade.

Segundo o estudioso Ananias Martins, autor de referência renomada no assunto carnaval local, em seu livro *“Carnavais de São Luís”* (2013) ressalta que o carnaval de São Luís está dividido em três fases: O Carnaval colonial, O Carnaval dos Cordões e o Carnaval do Samba, da qual o objeto de estudo desse trabalho, os Blocos Organizados, está inserido na última parte, o carnaval do Samba.

O referido autor define que o Carnaval Colonial foi herdado pelos portugueses, dentre elas a prática do Entrudo, como já foi mencionado anteriormente. Esse tipo de brincadeira, que consiste em jogar água, pó e até mesmo areia, alguns tipos de líquidos, pode ser encontrado com nitidez em São Luís, onde encontramos blocos de sujo nas ruas de São Luís em referência á maneira antiga de se brincar o carnaval.

O autor também destaca que nesse período as práticas carnavalescas sofreram influências africanas e as festas de caráter religioso,

Trata-se de manifestações portuguesas ou africanas que se transplantaram para o território brasileiro na época colonial, e, por circunstância da fusão com o calendário religioso de festas, ganharam autos de apresentação onde comumente ocorriam os atos teatrais, de provável influência do teatro catequético de herança jesuítica. (MARTINS, 2013, p. 33).

Martins frisa também que em São Luís um grande número de utensílios era usadas pelas pessoas para brincar durante o período carnavalesco, como podemos citar o confete, serpentina, etc., sendo a máscara o seu expoente máximo, um acessório indispensável. Estes eram feitos pelos brincantes e seus temas faziam referencia ao mesmo.

O Carnaval dos Cordões segundo o referido autor tem por espaço cronológico o final do século XIX até o início da década de 1970 e define como a fase mais rica e complexa (MARTINS, 2013, p. 71) do carnaval de São Luís. Os cordões eram compostos por grupos de indivíduos com máscaras e vestidos com fantasias, na qual eram comandados por um mestre, e dançavam e cantavam marchinhas de carnaval.

Em meados do século XX podemos notar uma maior diversidade nas brincadeiras carnavalescas de Rua na cidade de São Luís. Os jornais locais da época apontam uma certa crítica ao serviço público e as camadas sociais serviam de temas para os festejos carnavalescos. Há essa época, faziam parte dos cordões o Baralho, Fofões, Piêrros, Cruz Diabo, Corso, Dominós. Foi nesse período que a variação predominou no carnaval local e a participação das pessoas nos Cordões era de alegria e descontração.

Durante esse período que o carnaval de São Luís foi considerado como o terceiro melhor carnaval do Brasil, atrás apenas do carnaval do Rio de Janeiro e de Salvador, devido a sua riqueza de brincadeiras e sua animação. Esse ponto, não é bem visto entre os pesquisadores e estudiosos do carnaval local, em que muitos veem essa classificação como resultado de políticas governamentais, que para seus devidos fins buscaram transmitir essa visão sobre a cidade.

Esse mito de que o carnaval de São Luís é o terceiro melhor do Brasil é registrada até os dias de hoje em alguns periódicos locais. Silva (2015) destaca que esse mito está relacionado com o sujeito que presenciou essa fase, seja para contá-lo, ou para organizá-lo ou para legitimá-lo. Esse estudioso do carnaval de São Luís é frágil a compreensão de que há um experimento de validação por parte da mídia em repassar essa ideia que aqui havia o terceiro melhor carnaval do Brasil e que esse mito seria constituído no período do Carnaval dos Cordões.

Os Cordões, Baralhos, Casinha da Roça, Corso, Ranchos, são exemplos de manifestações carnavalescas de São Luís. Os Ranchos e Cordões eram brincadeiras que não tinham uma dança ou um ritmo musical próprio, suas aparições eram animadas pelas marchinhas de carnaval. O Corso era constituído por um caminhão enfeitado de acordo com um tema escolhido para a brincadeira, como por exemplo um navio pirata ou um barco, onde as foliões fantasiados eram levados de

carona com uma banda. Esses foliões dançavam, jogavam fitas, confetes e serpentinas no público nas ruas por onde iam passando.

Outro elemento participante dessa fase é a conhecida Casinha da Roça. Essa brincadeira é uma das mais antigas atrações do carnaval maranhense e pode ser observada desde meados do século XX e está inserida á temática rural no carnaval ludovicense. Consistia em uma carroceria de um caminhão revestida e coberta de palha, onde pessoas entre dançarinas de tambor de crioula, rendeiras, quebradeiras de coco babaçu, cozinheiras etc., na qual representa a vida dos moradores do campo. É uma espécie de Corso rural, sinal dos antigos carnavais de São Luís, na qual é dado a característica da tradição, por mencionar as questões passadas e procurar manter no presente essas mesmas questões.

A Casinha da Roça, como o povo passou a chamá-la, é toda feita de pindoba, com figurantes, a caráter trabalhando na farinha, com papagaio na janela, rede na varanda, panelas cozinhando comidas típicas como Cuxá, Caruru, tripa Frita, Peixe Seco, Caranguejo, Farofa, Peixe Frito, etc. Para lembrar a vida na roça vinham ornamentando a casinha apetrechos como: cachos de pindoba, babaçu, banana, coco, galinheiros, gaiolas, enfim, coisas que lembravam a vida do camponês maranhense. Além de tocar tambor de crioula que tocava sem parar durante a apresentação do 'corso rural', brincavam em volta homens e mulheres fantasiados, de índios, rendeiras, pescadores, lavradores, caçadores, etc (MARTINS, 2013, p. 88).

O Baralho era uma das mais populares brincadeiras do carnaval local. Era formada por indivíduos humildes, mas aos poucos foi ganhando força. Formado basicamente por negros que faziam críticas aos valores sociais relacionados á escravidão. Homens se vestiam de mulheres e mulheres se vestiam de homens e um componente da brincadeira segurava um estandarte á frente. "Foi na verdade um ciclo social que se prolonga do afrouxamento dos laços da escravidão na segunda metade do século XIX á gradual integração dos negros na sociedade do início do século XX" (MARTINS, 2013, p.80).

Com o termino dessa brincadeira, ele passou a ser utilizado pelas pessoas periféricas além de ser uma relação intermediaria entre os negros libertos.

Com o fim da escravidão, a brincadeira do Baralho passou a ser usada pelas populações periféricas ao Centro, onde moravam os mais pobres, localizadas perto das praias, do Caju, Santo Antônio, Praia Pequena e Desterro (MARTINS, 2013, p. 81).

Nesta fase do carnaval dos Cordões há também duas brincadeiras fundamentais para essa época, são elas o Dominó e Cruz Diabo. O primeiro era fantasias usadas pelos brincantes para irem aos bailes de máscaras sem serem reconhecidos. Era usada basicamente por mulheres da elite que frequentavam bailes populares, na qual expressavam todos os seus sentimentos. Já a segunda eram lanças vestindo trajes vermelho e preto, espantando pessoas nas ruas com tridente, fazendo diabruras só ou em grupos. “O Cruz Diabo era fantasia originalmente maranhense que consistia numa roupa encarnada com muitos galões e lantejoulas, calções e casaca e uma cabeça de papelão preta em forma de mitra com dois chifres”⁴.

Essa heterogeneidade do carnaval de São Luís nesse período do Carnaval dos Cordões, atingiu posteriormente com o aparecimento das Turmas de Samba, que mais adiante transformar-se-iam nas Escolas de Samba, Blocos Tradicionais e como objeto de estudo deste trabalho os Blocos Organizados. Cronologicamente essa nova fase do carnaval ludovicense inicia-se na década de 1970 e estende-se até os dias de hoje.

Partindo desse pressuposto, Martins (2013) analisa essa etapa do carnaval ludovicense como a fase que surge as Turmas de Samba e se consolida com a canalização da maioria dos esforços carnavalescos para os desfiles oficiais das escolas de samba (MARTINS, 2013, p. 99).

Até o início da década de 1970 não se utilizava o termo escolas de samba, e sim turmas de samba, até porque fica confuso distinguir essas brincadeiras. Essas turmas de samba eram compostas por pessoas periféricas, classes populares, indivíduos de baixa renda que utilizavam o carnaval como uma maneira de protestar pelos seus direitos e queriam conquistar seu espaço.

Os primeiros blocos carnavalescos apareceram no carnaval ludovicense ao findar da década de 1920 (MARTINS, 2013, p. 99). É nesse período que se tem o registro da primeira turma de samba da cidade, a Turma de Mangureira, do bairro Caratatiua e João Paulo, o que se tornaria mais tarde uma escola de samba.

⁴MARTINS, 2013, p. 74, Apud, Definição de Inácio Raposo. In: Jansen. A máscara no culto, no teatro e na tradição pública. Rio de Janeiro: MEC. Cadernos de Cultura, 1952.

Logo após, vieram inúmeras outras brincadeiras na qual podemos classificar como turmas de samba, citando de exemplo o bloco Fuzileiros da Fuzarca⁵, caracterizado por ritmos dos antigos carnavais. Também podemos citar como outro exemplo a Turma do Quinto, a Flor do Samba e a Favela do Samba, todas estas escolas de samba mais relevantes do folguedo de momo ludovicence proveniente das turmas de samba.

Ao falar de carnaval de São Luís não podemos deixar de fora os Blocos Tradicionais. Esses blocos apresentam fantasias bem luxuosas e trabalhadas, com uma essência rítmica própria, garantida por instrumentos como a marcação e a cabaça, apresentando como uma batucada original, com ritmo forte e cadenciado, alternando entre momentos lentos e acelerados. Outrora eram chamados de Blocos de Ritmo, com o advento da passarela do samba na cidade, passaram a ser chamados de Blocos Tradicionais.

Seus instrumentos musicais são um tambor grande e leve feito de compensado e batido com as duas mãos, retinta, cabaça, reco reco, ganzá, etc. os Blocos Tradicionais mais conceituados do carnaval ludovicense foram Os Vira-latas, Os Velinhos Transviados, Pif-Paf, Os Lunáticos. Atualmente os blocos mais conceituados dessa categoria são Os Apaixonados, Os Foliões, Os feras, Os Tremendões e Príncipe de Roma.

Expondo-se como uma grande mistura de brincadeiras o carnaval ludovicense terá na diversidade o seu expoente máximo e seu principal aspecto. E dentro dessa diversidade encontramos uma brincadeira peculiar chamada de Bloco Organizado que é o objeto de estudo desse trabalho que será mais trabalhado, conceituado e caracterizado no próximo capítulo.

⁵Bloco formado por idosos e sediado no bairro da Madre Deus, possui por cores predominante preto e branco.

4. BLOCOS ORGANIZADOS: DA FORMAÇÃO A CONSOLIDAÇÃO

Os Blocos Organizados, manifestação carnavalesca exclusiva do carnaval de São Luís, aparecem em meados da década de 1970. Esta brincadeira são grupos de aproximadamente 60 a 80 brincantes e batuqueiros que se assemelham as baterias das escolas de samba tanto nas roupas quanto nos instrumentos (surdo, caixa de guerra, repique, chocalho, tamborim, cuíca, agogô, reco reco, prato, etc.) e músicas e desfilam ao som de sambas enredos.

De acordo com algumas fontes hemerográficas, esses blocos foram inspirados entre os blocos do Rio de Janeiro, pois, na década de 1980, sobressaiu-se que o “RTA que estudou e adotou os toques das baterias dos blocos do Rio de Janeiro, como o Bafo de Onça e Cacique de Ramos” (SILVA, 2015, p. 116, Apud, O IMPARCIAL, 1993, p. 9).

Esses blocos originaram-se das Charangas e essas anteriormente eram chamadas de Blocos de Sujo. Para se chegar a essa denominação é preciso primeiramente caracterizar Bloco de Sujo e Charanga, respectivamente, fazer uma breve análise sobre o carnaval ludovicence, carnaval de passarela do samba, as consequências que ela trouxe com a sua implantação no carnaval de São Luís.

Os Blocos de Sujo surgiram no carnaval ludovicense no início do século XX. Essa brincadeira tinha por característica o improvisado, isto é, várias pessoas saíam pelas ruas no período carnavalesco batendo em latas, garrafas, panelas, ou seja, fazendo desses objetos instrumentos musicais improvisados e vestindo roupas antigas, sujas e rasgadas e alguns dos brincantes com galhos de árvores, sujando-se de produtos como talco, maisena, tapioca e cantando músicas animadas na qual podemos citar as marchinhas de carnaval. Foi como turma de batucada que se fundaram os primeiros blocos carnavalescos de São Luís, ao findar da década de 1920 (MARTINS, 2013, p. 99).

A partir da década de 1960 esses blocos passaram a apresentar-se de forma mais relevante, com trajes mais apresentáveis como camisas e calções. A partir da evolução desses Blocos de Sujo que se registra o início de uma nova manifestação carnavalesca agora denominado Charanga. Esse grupo festivo carnavalesco era formado por foliões que utilizavam roupas mais apresentáveis e

tocavam alguns tipos de instrumentos musicais como sopro. Agora os brincantes não utilizavam mais instrumentos improvisados e não vestiam mais roupas antigas e rasgadas como mostra a imagem abaixo:

Figura 1: Charanga no carnaval de 1972



Fonte: O Imparcial. São Luís, p. 5, 12 de fev de 1972.

Em meados da década de 1970 foi implantada a passarela do samba em São Luís e com ela algumas transformações foram impostas no carnaval ludovicense. Como essa passa a ser o espaço para as apresentações das brincadeiras as manifestações sofreu mudanças como podemos citar, por exemplo, as Turmas de Samba a se chamar Escolas de Samba, os Blocos de Ritmo passaram a se denominar Bloco Tradicional e como objeto de estudo desse trabalho as Charangas passaram a se chamar Bloco Organizado.

Assim as brincadeiras desfilam na Passarela do Samba com a intenção de ser a grande vencedora, a campeã do carnaval. Também se pode afirmar que é com a Passarela do Samba que se pode diferenciar as manifestações citadas no parágrafo anterior como afirma o historiador Fabio Henrique Monteiro Silva,

[...] Se hoje pesquisadores, ao discutirem sobre carnaval de São Luís, conseguem diferenciar suas inúmeras manifestações, isto é, o que é um bloco organizado, um bloco tradicional, um bloco alternativo ou uma escola de samba, só é possível fazê-lo em grande parte, por conta da contribuição do chamado carnaval de passarela. Assim, se até a década de 1970, as diversas manifestações festivas em São Luís, poderiam ser conhecidas como cordões, a partir da passarela do samba, com a necessidade de premiar os diversos grupos, e até mesmo as transformações que as mesmas foram sofrendo, é que se possibilitou diferenciar e caracterizar cada uma dessas manifestações [...] (SILVA, 2015, p.113).

De acordo com a citação exposta, o estudioso Silva (2015) destaca em um trecho de sua obra que as manifestações foram sofrendo mudanças e a partir dessas transformações que começam a surgir os Blocos Organizados, antes denominado Charanga. Essa denominação de “organizado” começa a ser empregado em meados da década de 1970 quando a empresa responsável pela organização do carnaval ludovicense da época, a MARATUR,⁶ passou a “organizar”, “uniformizar” essa manifestação carnavalesca.

Há essa época já circulava esse termo Bloco Organizado na mídia impressa ludovicense. Os jornais locais já se referiam a origem elevada da brincadeira como mostra o substrato a seguir:

Homem da Caverna revive com o Lamê o tempo passado. A Charanga, ou Bloco Organizado, como chama a Maratur para complicar cada vez mais o nosso carnaval, ‘Turma do Lamê’ foi a primeira a aparecer nas ruas de São Luís, no ano de 1970. Naquela época eram organizados os chamados ‘Blocos de Sujo’, mas geralmente participavam pessoas que não pertenciam ao bairro, de onde saía á brincadeira, e outros com garrafas de pinga na mão, sem que seus componentes a usassem [...] (O ESTADO DO MA, 04 de fev. de 1979).

Como podemos analisar a citação exposta acima, as autoridades que cuidam da organização do carnaval ludovicense perceberam que muitas brincadeiras estavam surgindo com uma conformação idêntica marcada por foliões com fantasias muito criativas, embalados por baterias, com o mesmo ritmo das escolas de samba. Por terem este formato, esses blocos passaram a ser enquadrados numa categoria á parte que foi chamada de Bloco Organizado como já foi mencionado anteriormente. O pioneiro dessa categoria é a Turma do Lamê que

⁶ Empresa Maranhense de Turismo.

detém o título de primeiro Bloco Organizado do carnaval maranhense como afirma a imagem e as citações abaixo:

Figura 2: Bloco Turma do Lamê



Fonte: O Imparcial. São Luís, p. 5, 04 de mar de 1973.

Existem Blocos que irão desfilarem no Carnaval que estão prometendo uma melhor apresentação que certas Escolas de Samba consideradas grandes. A Turma do Lamê – primeiro Bloco Organizado do Carnaval maranhense – é um deles. Para garantir o seu brilhantismo na João Lisboa, mandou buscar seis mulatas baianas para compor sua comissão de frente. Quem ás viu, aprovou completamente o artigo baiano (O IMPARCIAL, 03 de fev. de 1980).

Turma do Lamê neste carnaval marca presença. Fundado em 17 de fevereiro de 1970, a Turma do Lamê detém o título de pioneiro na categoria de Charangas Organizadas. Foi a partir de sua criação que o carnaval maranhense tomou novo aspecto, pois era uma nova categoria que surgiu para abrilhantar as ruas de São Luís, constituindo-se hoje em presença marcante nas passarelas dos festejos momescos (O IMPARCIAL, 17 de fev. de 1980).

O primeiro desfile já nessa categoria veio a ocorrer no ano de 1976. Os gestores do carnaval ludovicense oficializaram os Blocos Organizados ao desfile do carnaval de Passarela conforme mostra a tabela abaixo:

Blocos Organizados para o Carnaval de 1976

Segunda Feira (01/03/76) Praça João Lisboa

1° Lugar	Conjunto de Crioulos	União	15:00
2° lugar	Agremiação Carnavalesca Tambor de Crioula	Federação	15:15
3° Lugar	Crioulos de São Benedito	União	15:30
4° Lugar	Crioulos da Vitória	União	15:45
5° Lugar	Conjunto Folclórico Tambor de Crioula	Federação	16:00
6° Lugar	Rinzigueiro de Viana	União	16:15
7° Lugar	Turma de Crioulos	União	16:30
8° lugar	Gaviões do Ritmo	Federação	16:45
9° Lugar	Os Fantásticos	Federação	17:00
10° Lugar	Unidos do U.R.T.A.	União	17:15
11° Lugar	Estrela da Liberdade	Federação	17:30
12° Lugar	Turma do Lamê	Federação	17:45
13° Lugar	Orgulho da Floresta	Federação	18:00
14° Lugar	Turma do Fola	Federação	18:15
15° Lugar	Ass. Roda de Samba Os Avançados	Federação	18:30

16° Lugar	Meus Dois Amores	Federação	18:45
17° Lugar	Turma do Saco	Federação	19:18
18° Lugar	The Bruches	Federação	19:30

Fonte: O Imparcial, 29 de fev. de 1976

Os vencedores do concurso, segundo a comissão julgadora do carnaval da época fiou da seguinte forma: *A Turma do Fola* ficou com o primeiro lugar, seguindo por *U. R. T. A.* em segundo e *Turma do Lamê* em terceiro.⁷

Notadamente esta categoria marcava outra especificidade dos Blocos Organizados, a formatação, a normatização. Muitos passaram a ter diretoria, sede e chegaram até a formalização, com estatuto e um presidente responsável. Até o início da década de 1970 e até seus meados os blocos não se refletia tema, nem fantasia, o que predominava era a espontaneidade, a brincadeira, a diversão. Abaixo vejamos uma imagem já nessa nova categoria de um Bloco Organizado desfilando no carnaval de passarela:

⁷O ESTADO DO MA, 04 de Mar de 1976.

Figura 3: Imagem de um Bloco Organizado se apresentando na passarela



Fonte: O Imparcial, São Luís, 22 de fev. de 1977

Então o que se pode afirmar é que com a uniformização dessa brincadeira os foliões começaram a fabricar sua própria fantasia e apresentaram melhorias em seu ritmo, diferente dos Blocos de Sujo e Charangas que se apresentavam com roupas sujas e instrumentos musicais improvisados, passaram a desfilar com instrumentos musicais similares aos das escolas de samba.

Certamente o que caracteriza esses Blocos Organizados após a padronização das Charangas é que esses são compostos por brincantes e batuqueiros fantasiados com roupas de tecido no mesmo padrão, semelhante a uma ala⁸ de uma escola de samba animados por uma bateira – ala da escola de samba composta por ritmistas que tocam instrumentos de percussão (MACEDO, 2014, p.

⁸ Divisão de uma escola de samba ou bloco carnavalesco onde, geralmente, os membros vestem as mesmas fantasias e que, em algumas ocasiões, realizam uma mesma categoria. MACEDO, Marcelo da Silva. **Pequeno Dicionário do Carnaval Carioca**. 1º Ed. São Paulo: PerSe, 2014, p.09.

09) – com um tema para apresentação e um samba enredo. De fato esses Blocos Organizados são similares as Escolas de Samba no ritmo, os dois possuem samba enredo, além de serem puxados por um ritmista também conhecido como mestre.

O que difere um Bloco Organizado de uma escola de samba é que na escola de samba há vários elementos como alegorias – carros alegóricos fantasiados – comissão de frente, mestre sala e porta bandeira e várias alas, enquanto que os Blocos Organizados é apenas uma ala, puxada por uma bateria. O número de integrantes dos Blocos Organizados é inferior ao número de integrantes das escolas de samba.

4.1 – Blocos Organizados Do Carnaval De São Luís – MA

Há 10 Blocos Organizados segundo a AMBC⁹ no carnaval de ludovicense. Nesse ano de 2019, 10 agremiações se inscreveram na SECULT¹⁰ para desfilarem na Passarela do Samba. Porém apenas nove agremiações se apresentaram a Passarela do Samba localizada no bairro do Anel Viário, em São Luís, em dois dias: no domingo e na segunda-feira de carnaval.

São eles: Os Cobras das Estrelas, Unidos de Vila Embratel II, Pau Brasil, Canto Quente, Dragões da Madre Deus, Beatos do Samba, Unidos de Vila Isabel, Os Liberais e Turma do Saco. Dos que se inscreveram para desfilarem apenas Unidos do Porto Grande não desfilou na Passarela do Samba. Vejamos abaixo a história de cada um deles e nos anexos o horário e o resultado final dos desfiles.

4.1.1 – Grupo Cultural Bloco Organizado E Banda Os Cobras Das Estrelas

O Bloco Organizado Os Cobras das Estrelas foi fundado no ano de 1984 na Rua do Presponto e teve como fundadores os funcionários antigos da Gráfica Minerva e outros fundadores como Fernando Mouchereck e Paulo Cobra. No ano seguinte, 1985, o bloco passou a ser sediado na Madre Deus por responsabilidade de Jorge Coutinho junto a outros moradores da época como Madeira, Bior, Zeca Boêmio, Sérgio, Jojoca e Biné Viana.

“O bloco surgiu com a intenção de animar o bairro e chamar a atenção da classe social política e comunitária, além de ser mais um

⁹ Associação Maranhense dos Blocos Carnavalescos

¹⁰ Secretaria Municipal de Cultura

dos grupos de animação carnavalesca do bairro”(COUTINHO, Jorge Luís Silva, 2019, s.p.).

O bloco sempre levou para a avenida ideias de movimentação, de crítica, de reivindicações e cada ano faz uma homenagem a alguém ou alguma coisa e outro ano uma crítica. Seu nome faz referência que seus componentes, batuqueiros, participantes são os “cobras” das grandes “estrelas” que existem. Seu primeiro tema foi Água, Suor e Samba devido a grande dificuldade que o bairro da Madre Deus tinha em relação á água e a partir dessa crítica a comunidade passou a ter água, passou a ser olhada pelo poder público.

Atualmente sua sede localiza-se na Rua Tobias Barreto (Rua 04) N°06 na Madre Deus e é presidida por Jorge Luís Silva Coutinho. O bloco possui quatro títulos do carnaval nos anos de 1989 (seu primeiro título) com o tema “*Camelôs da R.G (Rua Grande).*”; 1994 (carece o tema); 2000 com o tema “*A Música Popular Maranhense: Um Tributo a MPM*” e seu último título em 2004 com o tema “*Barreirinhas: Paraíso Tropical*”. Esse ano de 2019 desfilou com o tema “*No Brechó das Fantasias, Liberdade é Falsidade no país da Lava Jato*” tendo por classificação o oitavo lugar.

4.1.2 – Bloco Organizado Unidos De Vila Embratel II

O Bloco Organizado Unidos de Vila Embratel II foi fundado em 30 de dezembro de 1992 no bairro da Vila Embratel por um grupo de pessoas em clima natalino e juntaram-se com a finalidade de organizar um réveillon, daí surgiu a ideia de prolongar a organização formaram uma charanga, brincar o carnaval de rua. Muitos foram os seguidores que no ano seguinte formaram o Bloco Organizado que deu identidade ao bloco.

Em seguida eleita a sua diretoria que ficou organizada da seguinte maneira: presidente: Raimundo Diniz Pinheiro, vice: Rubert Ferreira Pinheiro, 1º secretário: Isalliana Dias Rocha, 2º secretário: Lindomar Alves de Almeida, 1º tesoureiro: Cláudio Fernando Martins Ribeiro. Conselho Fiscal: presidente: Raimundo Ferreira Pinheiro, secretária: Maria Raimunda Silva, orador: Flor de Liz lima Rodriguez.

Com dois anos de organização foi filiado á FESM – Federação das Escolas de Samba do Maranhão. Achando que era necessário mudar de filiação por se tratar de uma entidade mais adequada aos estatutos, foi filiado á Associação Maranhense

dos Blocos Carnavalescos – AMBC- e participaram de diversos eventos dos carnavais de São Luís através dos órgãos governamentais: FUNS-SL - Fundação Municipal de Cultura de São Luís, e a SECMA – Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão.

Sua sede está localizada na Rua 25 de Maio N°05 B, bairro da vila Embratel cujo nome faz referência ao próprio bairro. É presidida por Raimundo Diniz Pinheiro e não possui títulos do carnaval. Esse ano de 2019 apresentou com o tema “*Zumba na Praça*” se classificando em sétimo lugar.

4.1.3 – Associação Recreativa Bloco Organizado Pau Brasil

A Associação Recreativa Bloco Organizado Pau Brasil foi fundado em 15 de julho de 1985 por um grupo de barraqueiros do Arraial “Conquista do Povo” do bairro Anjo da Guarda/Itapicuruá, entre eles estavam Pedro Batista Ferreira dos Santos, Gigi Moreira, Natan, Zeca Melo e outros artistas do Grupo Grita – Grupo Independente de Teatro Amador – e outros comunitários. Seu primeiro evento foi no dia 12 de outubro de 1985 com o lançamento do bloco para a comunidade realizado no Grêmio Recreativo Cultural. Em 14 de dezembro do mesmo ano aconteceu a primeira rodada de samba para o lançamento do carnaval de 1986 com o tema “Coisa Nossa” de Miguel Arcângelo, realizado na Praça do Anjo da Guarda e nessa época, “o nome do bloco foi o professor Natan quem colocou porque estava diferente dos outros blocos e todos os outros fundadores concordaram” (SANTOS, 2019, s. p.).

Foi criado devido a carência de brincadeira carnavalesca que não tinha na comunidade. Pedro Batista (Pedro Cego) foi o primeiro presidente, Gigi Moreira foi o primeiro carnavalesco Hernani (café) foi o primeiro diretor de bateria. No ano de 1986, seu primeiro ano, o Pau Brasil classificou-se em quarto lugar surpreendendo as agremiações de maiores destaques até então nessa categoria do carnaval ludovicense.

O bloco permaneceu na categoria dos organizados até 1989, já no período de 1990 a 1991 ficou ausente do carnaval oficial de São Luís, retornando em 1992 na categoria de escola de samba, ficando em quarto lugar e em 1993 em terceiro lugar do grupo B, em 1994 conquistou o título de campeão também do grupo B com

o tema sobre *Reggae* ganhando assim o direito de desfilar no grupo A entre as maiores escolas de samba como a Turma do Quinto, a Favela do Samba e a flor do Samba conquistando o sétimo lugar no ano de 1995. Em 1996 a escola ficou em quarto lugar, em 1998 ficou fora do carnaval por motivo financeiro, voltando a desfilar em 1999 na categoria de Bloco organizado.

Sua sede está localizada na Rua Costa Rica Quadra 16 N°17 no bairro do Anjo da Guarda. Atualmente é presidido por Pedro Batista Ferreira dos Santos e esse ano de 2019 desfilou com o tema “*Zeca Melo: O expoente da Cultura popular*” homenageando um dos seus fundadores e classificou-se em quinto lugar.

4.1.4 – Bloco Organizado Canto Quente

Fundado no ano de 1983 por um grupo de amigos do bairro do Goiabal nos quais estavam presentes Wander Milson, Bill Maravilha, Gipão, Tácito Borrvalho, Oswaldo Sousa, Totonho, Bira e Cadil. Segundo seu intérprete Wanderson dos Santos,

Segundo os organizadores anteriores o Bloco Organizado Canto Quente surgiu de comentários que tinham no canto como “fofocas”, “comentários” do dia a dia e organizadores se reuniram no local (canto) que rolava aquela fofoca e sempre diziam que por causa dessas fofocas o ‘canto era quente’, daí vem o nome que o batizou (SANTOS, 2019, s. p.).

Decorrentes dessas fofocas tinham confusões, brigas, intrigas e desentendimentos e os organizadores formaram uma banda e dessa banda surgiu o bloco. Cada comentário tinha uma história para contar e no carnaval deixavam expostas essas histórias.

Sua sede está localizada na Rua São Tomás de Aquino N° 77 no bairro do Goiabal. Atualmente o bloco é presidido por Maria do Rosário e não possui títulos do Carnaval. Esse ano de 2019 desfilou com o tema “*No Carnaval Meu Canto Quente é Fato, Não Fake*” amargando o nono lugar.

3.1.5 – Grupo Cultural Bloco Organizado Os Dragões da Madre Deus

Fundado no ano de 2000 por Afonso Celso Nascimento, Magnólia, Leopoldo, Lourival, Popó, Aguinaldo e Mário o bloco organizado Os Dragões da Madre Deus surgiu através de um desligamento de uma entidade que o Afonso Celso tinha

fundado anteriormente e de lá o pessoal resolveu se afastar e fundar essa nova brincadeira, também da cobrança da própria comunidade por parte do Afonso Celso de fundar uma nova brincadeira, já que tinha fundado outra, Os Ritmistas.

Criado com o objetivo de trazer a cultura para a comunidade seu primeiro desfile foi no ano de 2001 com o tema *Madre Deus Antiga*, organizado por 150 componentes e ficaram classificados em quinto lugar, com a intenção de mostrar para o público que estava nascendo uma nova categoria, um novo bloco na Madre Deus. Seu nome faz referência á escola de samba de São Paulo Dragões da Real.

Atualmente a entidade é presidida pelo próprio Afonso Celso Nascimento, sua sede está localizada no Beco Feliz N°40 Madre Deus e possui três títulos do carnaval nos anos de 2014 com o tema "*Humberto de Maracanã: 40 anos de Cantoria*"; 2016 com o tema "*Maestro Nonato Silva: Meus Olhos no Coração*". Nesse ano de 2019 desfilou com o tema "*Bumba Meu Leão devorador: 40 Anos de cantoria do Mestre Zé Alberto*", conquistando o primeiro lugar consagrando-se como o grande campeão na categoria dos Blocos Organizados.

4.1.6 – Bloco Organizado Beatos Do Samba

O Bloco organizado Beatos do Samba foi fundado no ano de 1982 por Margarida França Castro, Lulu Neto e Zezinho. Surgiu porque na comunidade, bairro da Estiva, não tinha brincadeiras culturais então a Margarida e seu marido resolveram fundar o bloco para animar o bairro. Na época em que foi fundado era transmitido uma novela por nome Roque Santeiro em que tinha um personagem chamado *Beato Salu* que era um devoto, de um grupo evangélico, então resolveram batizar o bloco de Beatos do Samba em homenagem a esse personagem da novela.

O bloco não possui títulos do carnaval e é presidido por Margarida França Castro, sua sede está localizada na Rua do Meio N° 60 no bairro da Estiva. Esse ano de 2019 desfilou com o tema "*O Samba, Salve Ele! O Samba*" se classificando em sexto lugar.

4.1.7 – Bloco Organizado Unidos Do Porto Grande

Nesse ano de 2019 não desfilou, ausente na Passarela do Samba

4.1.8 – Bloco Organizado Unidos De Vila Isabel

O Bloco Organizado Unidos de Vila Isabel foi fundado em seis de janeiro de 2005 por um grupo de amigos na qual estavam Arêrê, Claudemir, Gean e Jackson. O bloco é proveniente de uma charanga chamada As piranhas do Senhor Arêrê que existia na comunidade com as mulheres vestidas de homem e os homens vestidos de mulheres e queriam levar o nome da comunidade mais além, então resolveram fundar o bloco incorporando á AAJC – Associação de Amigo Junino Cultural.

Seu nome faz referência a própria comunidade. O bloco não possui títulos do carnaval, sua sede está localizada na rua São Pedro N°57 Vila dom Luís e é presidida por Roseane Ferreira. Nesse ano de 2019 desfilou com o tema “Salve os Blocos de Sujo: Se Chover da Vila eu não Fui!” e conquistou o título de vice campeão se classificando em segundo lugar.

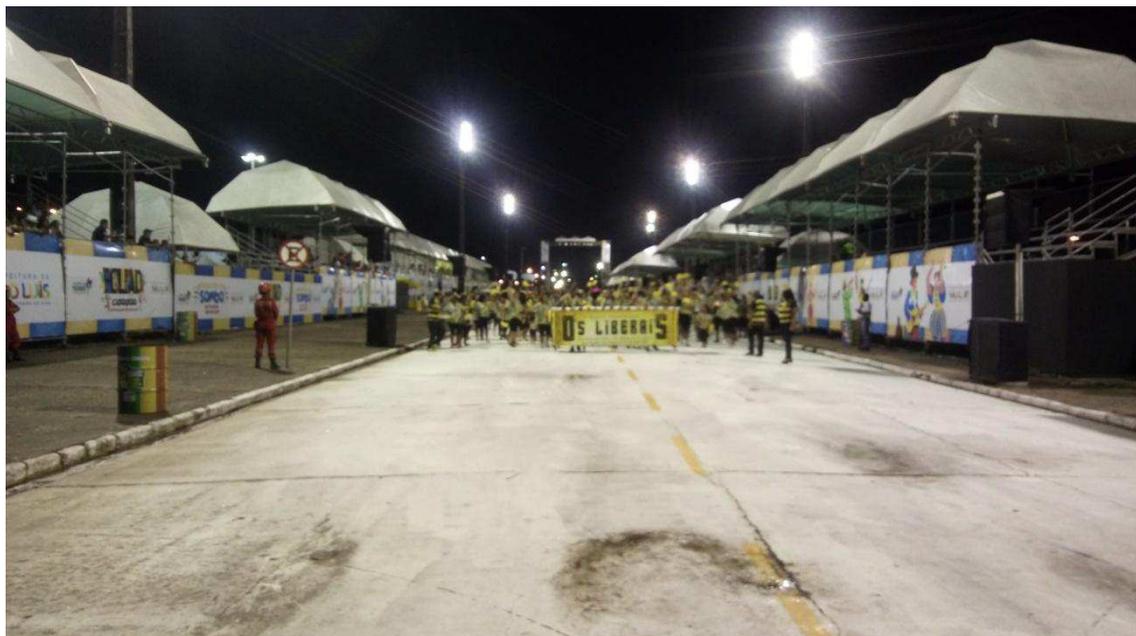
4.1.9 – Comunidade Cultural Bloco Organizado Os Liberais

O Bloco Organizado Os Liberais foi fundado em 1985 por Hélio Braga com a ajuda de Raimundo Moraes e Gilson Pacheco. Surgiu no bairro do João Paulo e diante de um impasse que houve com a escola de samba Mangueira, para ocupar o espaço que ficou vazio foi ocupado pelo bloco, não para concorrer e sim para fechar esse espaço, esse ciclo de cultura foi fundado o bloco.

Seu nome faz referência ao “Liberal”, que não tem vínculo com alguém e depois de uma apreciação de outros nomes acharam conveniente por optar esse nome “Os Liberais”. O bloco possui três títulos do carnaval nos anos de 2003 com o tema “*Casa das Minas*”; 2005 com o tema “*20 Anos de Liberais*” e seu último título no ano de 2006 conquistando o bicampeonato consecutivo com o tema “*Quebradeiras de Coco*”.

Sua sede está localizada na rua Afonso Baima N°182 bairro Caratatiua e o bloco é presidido por João Severo. Esse ano de 2019 apresentou o tema “*Topônimo João Paulo: Os Liberais cai no samba para Saudar seus Baluartes*” classificando-se em quarto lugar.

Figura 4: Bloco Organizado Os Liberais desfilando na Passarela do Samba no Carnaval de 2019



Fonte: Acervo do Autor – fotografada em 04 de Março de 2019

4.1.10 – Mocidade Independente Turma Do Saco

Fundado em doze de fevereiro de 1974 a Mocidade Independente Turma do Saco é o Bloco Organizado mais antigo em atividade no carnaval ludovicense. Foi fundado por moradores antigos, famílias e jovens do bairro do Codozinho como diz seu atual presidente José Henrique Viegas Guimarães:

[...] são muitos os fundadores da Turma do Saco, tem a família Viegas Guimarães, família Guayanaz, família Baima, família Cavalcante, Zeca e Maria Bacabal, Zeca Pilu, Henrique Pilu, José Henrique Franco de Sá, na verdade são tantos os fundadores do bloco que resumi e resolvi colocar só os principais. Esses últimos mencionados já integrantes de outras agremiações carnavalescas, já experientes de um bloco tradicional de nome Os Intocáveis [...] (GUIMARÃES, 2019, s.p.).

Esse bloco – Os Intocáveis – não perdurou por muito tempo e acredita-se que o vazio deixado no bairro, com a falta de uma brincadeira carnavalesca esses jovens e famílias fundaram a Turma do Saco.

Logo no primeiro ano de sua fundação era enquadrada na categoria de Charanga. Todos os participantes queriam apenas se divertir, animar o bairro e saíram cantando e tocando pelo bairro marchinhas de carnaval. Nitidamente até então o bloco não se referia a um tema, o que predominava era a diversão, a

animação nas ruas. Essa fase também é marcada pela ausência de competitividade. Seu nome surgiu de uma rivalidade com outro bloco já mencionado anteriormente Turma do Lamê.

Os integrantes da Turma do Saco compraram um tecido “lamê” e fizeram um abadá, já os integrantes da Turma do Saco quis se organizar e compraram “sacos” de embalagens de trigo, cortaram, customizaram e pintaram nas extremidades, improvisaram a fantasia e batizaram por nome de “Turma do Saco”.

Seus primeiros dirigentes foram Pilu, Zeca Bacabal, Assis, José Costa, Luiz Fernando (Prego), Bodinho, Preto da Belira, Bazinho e outros. Na sua primeira década de existência seus principais compositores foram José Henrique Quim (Zeca Quim) e Luiz Fernando Rosário Linhares (Luiz Prego). No decorrer de sua História a Turma do Saco se caracterizou como uma entidade carnavalesca de belas apresentações e não faltou em algum carnaval, de 1974 até os dias de hoje participou de todos os carnavais de São Luís.

É importante frisar que na segunda metade da década de 1970 a entidade adotou ao nome original Mocidade Independente, passando a ser chamado de Mocidade Independente Turma do Saco – MITS. Da mesma forma, no princípio as cores branca e vermelha e preta foram tomadas como as preferidas e características, porém jamais o bloco se prendeu a essas cores em relação á confecção das fantasias, o bloco sempre se deixou levar pelas cores do carnaval, aquelas que mais se adequassem ao momento.

Outra característica da Turma do Saco é que por jamais que tenha sido criada por motivo carnavalesco também atua para além do carnaval. Na sua sede ocorre festas de Natal, Dia das Mães, dia dos pais e São João. O São João era tão animado quanto o carnaval, na qual a vizinhança montava barracas de palha e vendia comidas típicas, além de se apresentarem quadrilhas, danças portuguesas e grupos de bumba boi. Para a arrecadação de fundos para o carnaval eram feitos bingos, rifas e feijoadas entre outras ações.

Como a Turma do Saco é o bloco organizado mais antigo dentre os outros desta categoria, é a que mais detém títulos do carnaval. Ao todo a MITS coleciona quinze títulos do carnaval. Seu primeiro foi no ano de 1981 com o tema “*Baile*

Africano”; o segundo no ano de 1983 com o tema *“Pintei meu Circo no Saco para mostrar na Avenida*”; em seguida no ano de 1984 com *“Mãe África*”; em 1985 com *“Porque Chora a Fonte do Ribeirão*”; em 1986 com *“Folia no Carnaval*”; em 1987 com *“Sambando nas Estrelas*”.

Até então o bloco conseguiu um feito inédito que foi o hexacampeonato consecutivo. Prosseguindo com seus títulos, no ano de 1991 com o tema *“Pierrot*”; 1994 com *“Babaçu: Árvore dos Deuses*”; 1999 com *“Saco Colorido: 25 Anos*”; 2011 com *“Bicho Terra*”; 2017 com *“Vamos Festejar! 100 Anos de Samba: Um Século de Gringo e Poesia*” e seu último título em 2018 quando conquistou o bicampeonato com o tema *“Do Alho ao Saco, Mestre Velozo é o Espetáculo*”¹¹.

Atualmente o bloco é presidido por José Henrique Viegas Guimarães (Bazinho) sua sede está localizada na Rua Euclides da Cunha N°213 Codozinho e esse ano de 2019 desfilou com o tema *“A Voz da Mocidade vai Ecoar: Respeito, Direito e Igualdade, Mulher em Primeiro Lugar!”* classificando-se em terceiro lugar.

Figura 5: Bloco Organizado Mocidade Independente Turma do Saco desfilando na Passarela do Samba no carnaval de 2019



Fonte: Acervo do Autor – fotografada em 04 de Março de 2019

¹¹Carece três anos e seus respectivos temas, pois essa contabilidade é de doze títulos.

Um elemento perceptível nesse grupo festivo é o enfraquecimento desses Blocos Organizados, pois na década de 1980, mais precisamente no ano de 1987, existiam vinte e dois Blocos Organizados que desfilavam oficialmente na Passarela do Samba conforme mostra a imagem abaixo:

Figura 6: Resultado Oficial dos Blocos Organizados no Carnaval de 1987

BLOCOS ORGANIZADOS	
BLOCOS	PONTOS
Beatos do Samba	61
Mocidade/Monte Castelo	64,5
Black Samba	68
Girassol	66
Rítmo do Samba	61,5
Gorgeadores	71
Unidos de S. Roque	57,5
Os Liberais	71
Só Prá Chatear	56,5
Os Idealistas	66,5
Cobras nas Estrelas	62,5
Cem Comentários	(5º)
Unidos do Codozinho	56,5
Arrastão do Lira	61,5
Pau Brasil	69,5
Sambista Caroçudo	73 (4º)
Canto Quente	67
Unidos da Vila Bessa	51,5
Bravos da Batucada	64
Quilombo	(3º)
URTA	78 (1º)
Turma do Saco	78 (2º)

Fonte: O Imparcial. São Luís, p. 7, 25 de fev de 1987.

Com o decorrer do tempo essa categoria foi enfraquecendo. Hoje são somados apenas dez havendo uma redução de doze blocos. Para essa redução no número de agremiações pode-se levar em conta o descaso do poder público (Governo do Estado e Prefeitura) em fazer o repasse do cachê aos blocos. Durante as entrevistas que realizei com os representantes dos blocos, uma das perguntas que fiz foi referente ao cachê pago pelo poder público á brincadeira.

O cachê distribuído pelo Governo do Estado é um total de R\$ 12.000 (doze mil reais) e a Prefeitura é um total de R\$ 8.000 (oito mil reais) de forma parcelada, por apresentações, em que o bloco quando vai se apresentar nos carnavais, ao

realizar três apresentações recebe um valor de R\$ 4.000 (quatro mil reais) até completar o valor total.

Só que alguns desses blocos até o dia do desfile na Passarela do Samba ainda não tinham recebido os valores mencionados no parágrafo acima. Houve blocos que receberam apenas metade do valor destinado além de haver bloco que recebeu nenhum valor por parte do Governo do Estado apesar de terem se apresentado nos carnavais. Vale lembrar também que fora o descaso do poder público os próprios presidentes e/ou diretores das agremiações ao receberem esse recurso reembolsam uma parte e a outra investem no bloco. O que comprova essa tese é que alguns blocos não comparecem ao local dos desfile, á Passarela do Samba para se apresentar.

Uma relação que pode ser feita entre os blocos da década de 1980 e os blocos da atualidade é a seguinte: na figura da página anterior que aparece o resultado oficial do Carnaval de Passarela do Samba do ano de 1987 podemos perceber que poucas agremiações prevaleceram até os dias de hoje. São os blocos Beatos do Samba, Os Liberais, Pau Brasil, Canto Quente, Os Cobras das Estrelas e Turma do Saco, apenas seis blocos. Outros dezesseis blocos vieram a deixar de existir com o decorrer dos anos. Outros três blocos surgiram nesse tempo, Unidos de Vila Embratel II, Unidos de Vila Isabel e Os Dragões da Madre Deus, apenas metade do que prevaleceram e uma quantidade extremamente baixa ao que deixaram de existir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se que os Blocos Organizados que são procedentes das Charangas e essas dos Blocos de Sujo. São os blocos mais “desorganizados” do folguedo ludovicense e os que menos chamam a atenção do público. Se compararmos um Bloco Organizado com um Bloco Tradicional, esse é mais atrativo do que o Bloco Organizado. Isso se deve pelo fato da fantasia do Bloco Tradicional ser mais luxuosa, mais preparada em relação ao Organizado.

Diante desse trabalho observou as mudanças na qual o carnaval ludovicense passou refletindo-as nas manifestações assim como os Blocos de Sujo passaram por transformações até chegar ao Bloco Organizado. Essa categoria de Blocos Organizados que levam para o carnaval, para a Passarela do Samba geralmente homenagens, temas da atualidade e reivindicações.

Blocos que tem por característica uma temática, fazem homenagens e críticas do social do que vem acontecendo com a conjuntura atual do que estamos vivendo no dia a dia. Dos Blocos que se apresentaram á passarela do Samba, quatro apresentaram temas da atualidade: Os Cobras das Estrelas com a temática da Operação Lava Jato, Canto Quente com o tema das Fake News e Unidos de Vila Embratel II com a Zumba na Praça e Turma do Saco com a valorização da mulher; outros quatro blocos apresentaram homenagens: Pau Brasil homenageando um dos seus fundadores, Beatos do Samba homenageando o samba, Os Liberais homenageando o bairro do João Paulo e o campeão Os Dragões da Madre Deus homenageando o mestre Zé Alberto.

A medida em que houve o descaso político sobre essas agremiações com o passar do tempo, houve um enfraquecimento dessa manifestação que são as que menos interessam ao carnaval ludovicense, pois houve uma grande redução nas últimas décadas, poucos blocos ainda conservam esse tipo de brincadeira.

Essa foi a proposta desse trabalho em valorizar mais essa categoria de blocos já que não se tem ou é escassa em trabalhos acadêmicos que se referem á esse grupo. Assim como suas próprias propostas diante do carnaval de bater de vez em quando no que vem acontecendo na situação atual.

REFERÊNCIAS:

ALBERTI, Verena. **“Histórias dentro da História”** in PISKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar: Textos em História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ARTHURO, Maria do Carmo Marques. **O Bloco Tradicional “Os Foliões”, sua manifestação de tradição no carnaval maranhense**. Monografia (Graduação em História). São Luís: Universidade Estadual do Maranhão, 1997.

ASSUNÇÃO, Matthias Rohring. **Resgatando o Carnaval de Rua: A fuzarca maranhense contra a homogeneização nacional-global**. Revista USP, São Paulo, n. 48, p. 159 – 178, dezembro – fevereiro, 2000 – 2001.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: Artes de fazer**. 13ª ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DA MATTA, Roberto. **Relativizando: uma introdução a Antropologia Social**. São Paulo: Rocco, 1982.

DE LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. In: PISKY, Carla Bassanezi (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2006.

FERREIRA, Felipe. **O livro de ouro do carnaval brasileiro**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MACEDO, Marcelo da Silva. **Pequeno Dicionário do Carnaval Carioca**. 1º Ed. São Paulo: PerSe, 2014.

MARTINS, Annanias Alves. **Carnavais de São Luís**. São Luís: Halley S. A. Gráfica e Editora, 2013.

RICOEUR, Paul. **A Memória, A História, O Esquecimento**. Campinas: Editora Unicamp, 2007.

SEBE, José Carlos. **Carnaval, Carnavais**. São Paulo: Editora Ática, Séries Princípios, 1986.

SILVA, Fabio Henrique Monteiro. **O Reinado de Momo na Terra dos Tupinambás: Permanências e Rupturas no carnaval de São Luís (1950 – 1996)**. São Luís: Eduema, 2015.

Entrevistas

ARÊRÊ, Ubiraci. **Fundador do bloco organizado Unidos de Vila Isabel**. São Luís, 04 de março de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

BRAGA, Hélio. **Fundador do bloco organizado Os liberais**. São Luís, 04 de março de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

CASTRO, Margarida França. **Presidente e Intérprete do bloco organizado Beatos do Samba**. São Luís, 04 de março de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

COUTINHO, Jorge Luís Silva. **Presidente e Intérprete do bloco organizado Os Cobras das Estrelas**. São Luís, 03 de março de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

GUIMARÃES, João Henrique Viegas. **Presidente do bloco organizado Mocidade Independente turma do Saco**. São Luís, 25 de fevereiro de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

NASCIMENTO, Afonso Celso. **Presidente e Fundador do bloco organizado Os Dragões da Madre Deus**. São Luís, 03 de março de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

PINHEIRO, Raimundo Diniz. **Presidente do bloco organizado Unidos de Vila Embratel II**. São Luís, 06 de abril de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

SANTOS, Pedro Batista Ferreira. **Presidente do bloco organizado Pau Brasil**. São Luís, 03 de março de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

SANTOS, Wanderson dos. **Intérprete do bloco organizado Canto Quente**. São Luís, 03 de março de 2019. Entrevista concedida à Honilton Nunes Filho. Gravado em áudio.

Periódicos:

_____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 12 de fev de 1972.

- _____. O Imparcial. São Luís, p. 9, 17 de fev de 1972.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 28 de fev de 1972.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 04 de mar de 1973.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 06 de mar de 1973.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 02 de mar de 1974
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 05 de mar de 1974
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 7, 26 de jan de 1975.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 8, 06 de fev de 1975.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 7, 09 de fev de 1975.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 7, 14 de fev de 1975.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 13 de jan de 1976.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 22 de fev de 1976.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 26 de fev de 1976.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 7, 29 de fev de 1976.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 5, 04 de fev de 1977.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 5, 17 de fev de 1977.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 5, 20 de fev de 1977.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 22 de fev de 1977.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 5, 01 de fev de 1978.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 5, 09 de fev de 1978.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 8, 10 de fev de 1978.
- _____. O Estado do MA. São Luís, p. 5, 04 de fev de 1979.
- _____. O Imparcial. São Luís, p. 7, 07 de fev de 1979.

_____. O Imparcial. São Luís, p. 7, 10 de fev de 1979.

_____. O Imparcial. São Luís, p. 7, 14 de fev de 1979.

_____. O Estado do MA. São Luís, p. 5, 23 de fev de 1979.

_____. O imparcial. São Luís, p. 7, 17 de fev de 1980.

_____. O Imparcial. São Luís, p. 7, 25 de fev de 1987.

ANEXOS

Desfile dos Blocos Organizados conforme o Carnaval de Passarela do Samba no Carnaval de São Luís 2019:

Domingo 03/03

HORÁRIO	BLOCO
18h30 às 18h45	Os Cobras das Estrelas
18h50 às 19h05	Unidos de Vila Embratel II
19h10 às 19h25	Pau Brasil
19h30 às 19h45	Canto Quente
19h50 às 20h05	Dragões da Madre Deus

Fonte: SECULT

Segunda Feira 04/03

HORÁRIO	BLOCO
18h30 às 18h45	Beatos do Samba
18h50 às 19h05	Unidos do Porto Grande
19h10 às 19h25	Unidos de Vila Isabel
19h30 às 19h45	Os Liberais
19h50 às 20h05	Turma do Saco

Fonte: SECULT

Resultado Final do Desfile dos Blocos Organizados do Carnaval de Passarela do Samba de São Luís – MA 2019:

CLASSIFICAÇÃO	BLOCO	PONTUAÇÃO
1º Lugar	Dragões da Madre Deus	100 Pontos
2º Lugar	Unidos de Vila Isabel	96,3 Pontos
3º Lugar	Turma do Saco	94,5 Pontos
4º Lugar	Os Liberais	92,9 Pontos
5º Lugar	Pau Brasil	92,0 Pontos
6º Lugar	Beatos do Samba	84,5 Pontos
7º Lugar	Unidos de Vila Embratel II	82,7 pontos
8º Lugar	Os Cobras das Estrelas	66,9 Pontos
9º Lugar	Canto Quente	66,5 Pontos
10º Lugar	Unidos do Porto Grande	Desclassificado

Fonte: SECULT

**LETRAS DOS SAMBAS ENREDO DOS BLOCOS ORGANIZADOS NO
CARNAVAL DA PASSARELA DO SAMBA.**

Bloco Organizado e Banda Os Cobras das Estrelas.

“No Brechó das Fantasias, Liberdade é Falsidade no País da Lava-Jato”

Letra e Música: Jorge Coutinho

Cifra: Maestro Arlindo Pipiu

Intérpretes: Raul Silva e Jorge Coutinho

Lá vem Os Cobras, da Madre Deus á passarela

Apresentar, o Brechó das Fantasias...

Carnaval é emoção e ilusão na vida

Desse povo brasileiro

A Transformação!

Liberdade é falsidade,

Corrupção é vaidade,

Organização criminosa

Exploração capital...

A fome, a violência

Manto da Hipocrisia

Nessa tal de lava-jato,

Na falsa democracia. (refrão)

Lá vem...

Bloco Organizado Unidos de Vila Embratel II***“Zumba na Praça”*****Compositor:** Paulinho Sabuja**Intérprete:** Paulinho Sabuja

*Vila, oh minha Vila
Hoje vem apresentar e mostrar
Essa nova invenção
È a Zumba em São Luís do Maranhão*

*Nas Praças e na comunidade
Na rua e toda cidade
O povo vem apreciar
Essa maravilha que acaba de chegar*

*È uma nova academia
Que desembarcou na ilha todo mundo se encantou
Ôôô dança mulherada, jovem e senhor!
Essa moda diferente é a zumba invocando muita gente*

*Pula daqui pra lá, corre de lá pra cá
Remexendo até o chão
Essa dança é a zumba
A minha vila canta em homenagem a essa zumba*

Bloco Organizado Canto Quente**“No Carnaval meu Canto Quente é Fato, não é Fake”****Letra:** Wanderson Pena**Intérpretes:** Wanderson Pena e Bibico

Se espalho na rede social

Que não vai ter carnaval

Era mentira é tudo fake, a fonte

Verdadeira estava no face.

Era mentira é tudo fake a fonte

Verdadeira estava no face.

Olha só ...

Olha, a carinha de triste que ela ficou

Com essa notícia que se espalhou

No Grupo do WhatsApp

Disseram que o fofão morreu

Pierrot e Arlequim sumiram

Rei Momo perdeu o seu trono

E a colombina até desistiu...

Meu Canto Quente está aqui pra informar

Que a Notícia falsa não pode se propagar

Meu Canto Quente está aqui pra te dizer

Antes de divulgar procure primeiro ver se é verdade

Bloco Organizado “Os Dragões da Madre Deus”

“Bumba meu Leão Devorador: 40 anos de cantoria do Mestre Zé Alberto”

De: Jeová França, Gersinho Silva, Cecel Mix e Felipe Sapuca

Reluz a lira na madrugada

Em poesia enluarada

Toadas de toda vida

Em versos são iluminados

Poemas de amor e tradição

De um velho menestrel

Oh Zé!

Balança forte o maracá

Que o meu enredo vem contar

A tua Primazia

Raiz da essência popular

Que os dragões vem festejar nessa folia

Verseja ainda imponente

Lembrando o famoso legado

Dos terreiros onde floresceu

De Iguaiába á Madre Deus

Sempre muito inspirado

Ecoa e ruge o Leão na Ilha

E a trupiada. Que maravilha!

Meu passarinho

Voa na imensidão

Avisa na ilha inteira

*Onde “canta” o meu Leão
Guarnece a ilha, deixa o teu povo cantar
O mestre da cultura popular*

Bloco Organizado “Beatos do Samba”**“Salve Ele! O Samba”****Autoria:** Marcelo Costa**Intérpretes:** Nil do Cavaco e Gayda Castro

Tum, Tum, Tum, Tum, Tum
Esse batuque é o ano inteiro
E tem cuíca, cavaquinho, violão
Tamborim, surdo e pandeiro
Com certeza esse som é brasileiro (BIS)

E quem é ele?
Ele é o samba
Que os beatos vem pra homenagear
O samba é nosso, é brasileiro
E faz o mundo inteiro delirar

E salve! E salve!
Salve! O samba de roda
E o samba de raiz... de raiz
Com samba exaltação
Que faz esse povo feliz
É a bossa nova, é samba rock
Samba de breque e de gafieira
Chorinho
E partido alto
E o pagode é a noite inteira

E a boemia...

E a boemia fez moradia no samba canção

E o samba enredo traz encanto e alegria

Que contagia o povão (BIS)

É tum, tum, tum

Nós somos beatos do samba

De corpo, alma e coração

Trazemos a nossa alegria

Para dividir com o povão

E salve o samba!

E salve o samba!

O samba é a nossa inspiração (BIS)

Bloco Organizado Unidos de Vila Isabel

“Salve os Blocos de Sujo! Se Chover da vila eu não Fujo!”

Compositor: Manoel Enrique

Melodia: Sibá da Vila, Galvão de Ferro, Edy Muniz Melodia

Cavaco: Rakã Silva

Violão: João Eudes

Vem cá, fofão,

A festa é tua

Vem animar o nosso carnaval de rua

Espumas, maisena,

A chuva que vem lá do céu

E o samba lá da Vila Isabel

(E eu vou)

E eu vou

Pelas bandas da cidade

E vou morto de vontade

De beber até cair

Cachaça não é água

Não se bebe ela de graça

Por isso que eu te peço

Me dá um dinheiro aí

Eu quero um novo amor de carnaval

Outrora apareceu a Margarida

Está chegando a hora e as águas vão rolar

Um novo rio vai passar na minha vida

Seja nas bandas

Seja nos blocos de sujo

Se a chuva cai

Não adianta eu não fujo

Sou Folião, eu sou fofão

Eu não me canso de brincar

O meu chitão dispensa

O abadá

(Fico leve)

Esqueço dos meus problemas

E tento não lembrar do emocional

Eu vou atrás de uma caixa de maisena

A ferramenta pra brincar o carnaval

Pego garrafa, frigideira, o que der para bater

Da lata de cerveja eu não posso esquecer

A gente dança, pula, canta

Se abraça e se beija

Com samba, chuva

Suor e cerveja

Bloco Organizado “Os Liberais”

“Topônimo João Paulo – Os Liberais cai no samba para saudar seus Baluartes”

Compositores: Allysson Ribeiro, Renato Guimarães, Josias Filho e Luzian Filho

*A toponímia do João Paulo foi assim
 Em homenagem a um menestrel de mesmo nome
 Que vendia café no “caminho grande”
 A importante via terrestre de observação
 E em suas margens
 Chácaras viraram áreas residenciais
 O local era sítio de Simeão Costa
 Quem não gosta de beber da fonte da informação?
 João Paulo eu canto com emoção!*

*Cresceu comercialmente, socialmente, cultural
 Celeiro de poetas, tem festa de São Marçal!
 Nasceu a matriarca do samba
 A verde e rosa da capital (mangueira)!
 Quem nasce joãopaulino é bamba
 Você virou enredo do meu carnaval*

*Tem bloco de rua, tem boi da lua
 “Viva”, festança e “tambor”
 Baluartes entre a terra e o céu
 Estrelas bordando a aba do chapéu
 A poesia que brota no jardim de flores de papel
 Chegou “os liberais” (ôô)
 Chegou minha comunidade*

*Na feira do amor
Eu sou camelô
Quem vai querer felicidade*

Bloco Organizado Mocidade Independente Turma do Saco

“A voz da Mocidade vai ecoar! Respeito, Direito e Igualdade, Mulher em Primeiro Lugar!”

Letra e Música: Jaílson Pereira, Vicente Melo, Jeovah França

Cantor: Lucas Neto e Naldo Serejo

Teu ventre é sagrado

Pureza da flor

Mãe iluminada

A força da fé

Bendita és tu ô senhora

Mulher, mulher, mulher

Guardiã, inspiração do criador

A calenta vida

Afaga a dor

Mãos que tecem os lares

Ser de luz, amor

Vai mocidade

Sacoleja o carnaval

Empodera vai à luta

É um problema social

Marias, amantes avós

Um clamor entre nós

Não estão mais reféns

Mulheres essa luta é nossa também

Renascera a esperança aqui dentro de nós

Em cada olhar, quebra corrente libertar tua voz

Vai passar, assim eu vou cantar

A Turma do Saco é igualdade

Mulher em primeiro lugar!

APÊNDICES

ROTEIRO ELABORADO PARA EXECUÇÃO DAS ENTREVISTAS**NOME DO BLOCO:****ENDEREÇO:****PRESIDENTE(A) RESPONSÁVEL:****ANO DA FUNDAÇÃO:****QUEM É(SÃO) SEU(S) FUNDADOR(ES)?****COMO SURTIU O BLOCO?****PORQUE SURTIU O BLOCO?****COM QUE OBJETIVO O BLOCO FOI CRIADO?****COMO FOI ORGANIZADO?****ORIGEM DO NOME DO BLOCO?**

O BLOCO POSSUI ALGUM TÍTULO DO CARNAVAL? QUANTO(S)? QUAL(S) O(S) ANO(S) DO(S) TÍTULO(S)?

QUAL(S) O(S) TEMA(S) DO(S) ANOS(S) DO(S) TÍTULO(S)?

ESSE ANO DESFILA COM QUAL TEMA?

QUANTO FOI O CACHÊ PAGO PELO PODER PÚBLICO DESTINADO À BRINCADEIRA?